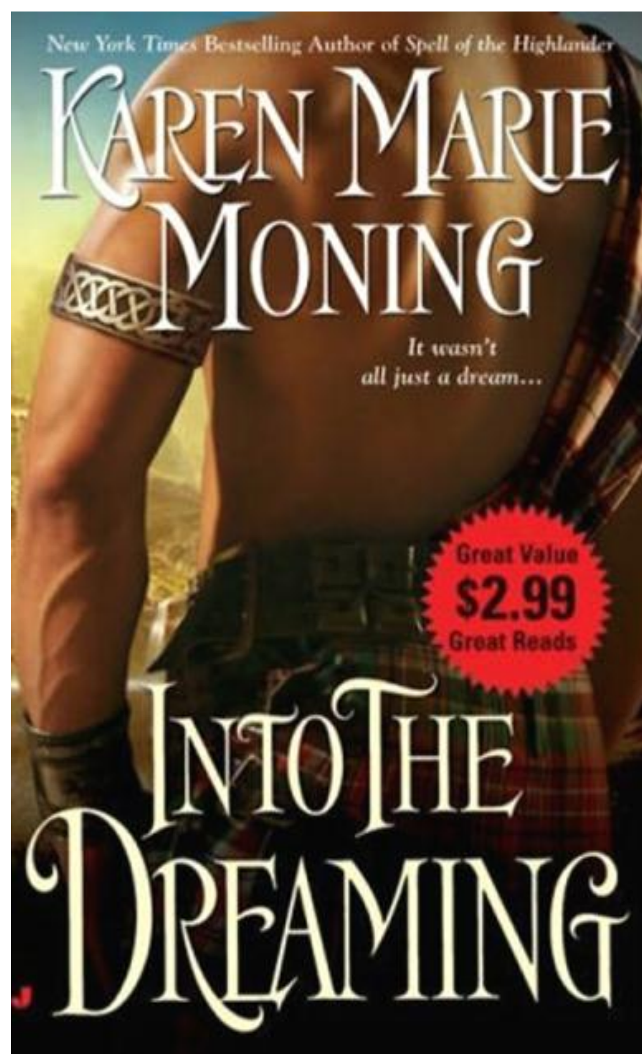
Em seus Sonhos

Karen Marie Moning

Highlander 8

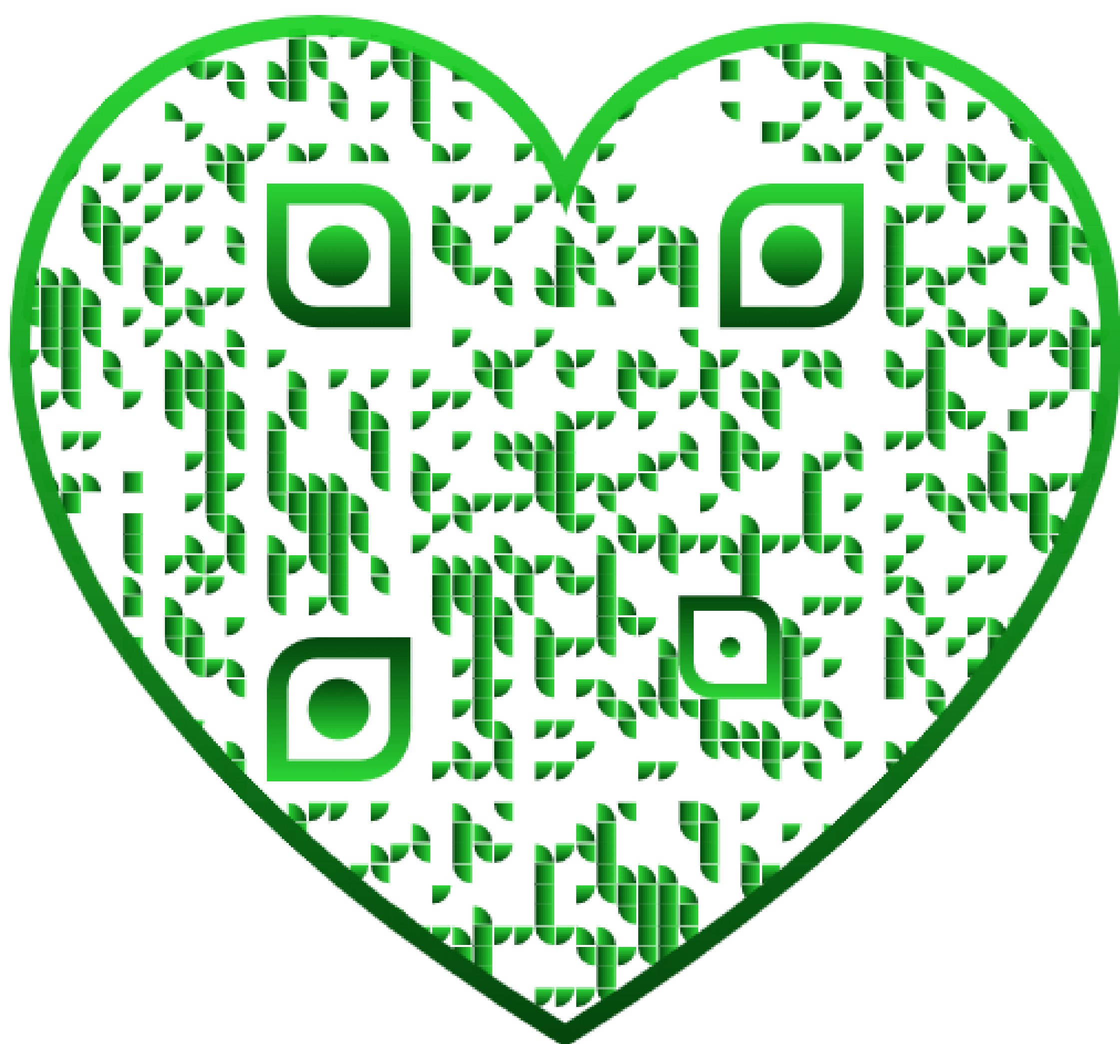


Não era somente um sonho...

Jane Sillee, uma aspirante a escritora de novelas românticas, estava completamente apaixonada por seu homem imaginário, aquele ardente e robusto Highlander, que passou anos aparecendo em seus sonhos e que inspirou seus sensuais vôos de fantasia literária.

Mas foi mais que sua imaginação o que conjurou à tapeçaria brilhantemente tecida que luzia o vivo retrato de seu magnificamente arrogante guerreiro. Foi mais que um sonho o que a transportou à Escócia medieval para romper um feitiço maligno. E foi mais que o que ela poderia dirigir quando se encontrou rodeada pelos musculosos braços de Aedan MacKinnon, quem tinha suas próprias fantasias que cumprir...

Disponibilização em espanhol: Novela Romantica Paranormal
Tradução/Formatação: Yuna, Gisa, Mare e Rosie
Revisão Inicial: Rosilene
Revisão Intermediária: Amanda
Revisão Final: Tessy
PROJETO REVISORAS TRADUÇÕES



Para minha irmã Laura, cujo talento para dar forma à argila vai muito mais à frente que o forno do artesão.

Que seus jardins sempre floresçam exuberantes.

Que sua geléia de pêssegos e seu frango continuam sendo como provar o céu.

Que o artista encerrado em sua alma encontre sempre a maneira de expressar-se.

E que sempre saiba quanto amada que é.

Prólogo

Seu corpo duro e úmido reluzia sob a luz da lua, à medida que emergia do oceano.

Os olhos brilhantes, da cor da tormenta, encontraram-se com os seus e seu coração acelerou.

Parou diante dela oferecendo tudo com o olhar, prometendo a eternidade.

Quando posou a forte mão em sua nuca e aproximou-a para que recebesse seu beijo, os lábios dela se separaram com um suspiro de sonhadora antecipação.

O primeiro beijo foi suave, depois, tão selvagem como ele mesmo, pois era um homem de escuros segredos e ainda maiores paixões, seu Highlander.

Enredou as mãos em seu cabelo e o beijo ficou selvagem e voraz, então o homem a elevou em seus braços e correu escada acima pelo castelo, carregando-a para a antecâmara......

Fragmento extraído do manuscrito inédito de Jane Sillee, Fogo nas Highlands.

Capítulo 1

Ano 928.

Não exatamente na Escócia.

Era uma terra de sombras e gelo.

De tons cinzas, mais cinzas e pretos.

No profundo das sombras, espreitavam criaturas desumanas com corpos horrendos e retorcidos membros. Seres que alguém faria bem em evitar.

Se estas criaturas chegassem a atravessar as frágeis portas pelas quais entrava a pálida luz neste terrível lugar, morreriam dolorosa e lentamente. Mas podia ocorrer que um mortal atravessasse as colunas e rompesse as correntes que mantinham presas a estas criaturas, as permitindo escapar das sombras.

Um irregular escarpado de gelo se elevava sobre ele. Um vento gelado soprava através dos labirintos entre os canions, trazendo sussurros de vozes desoladas e suaves gritos infernais.

Odiava esse lugar.

Sua alma encolhia diante o horror que o rodeava.

Desejava tanto sentir o calor do sol em seu rosto que quase doía o desejo, estava faminto por sentir como se esmagava o suave pasto sob suas botas.

Daria anos de sua vida por sentir a segurança que dava o lombo de seu corcel e o sólido peso da espada em seu punho.

Sonhava, quando conseguia escapar da agonia que o rodeava, retraindo-se profundamente em sua mente, com o resplendor de uma fogueira, alimentada com rastros de urze. Com as cálidas e amorosas carícias de uma mulher. Com o pão dourado, recém saído do forno, crocante e banhado em manteiga.

Coisas simples.

Coisas impossíveis.

Para o filho de um Lord escocês, cujos domínios abrangiam vales e montanhas resplandecentes, cinco anos era uma sentença intolerável, um encarceramento que só suportava por sua força de vontade, nutrindo-se cuidadosamente de luz e da esperança que mantinha viva dentro de seu coração.

Mas ele era um homem forte, com sangue de reis Escoceses percorrendo com força e calidez suas veias.

Sobreviveria.

Retornaria para reclamar seu legítimo lugar, para cortejar e casar-se com uma donzela de espírito terno e selvagem como o de sua mãe e encher os corredores do Dun Haakon com a música de crianças pequenas.

Graças a aqueles sonhos, suportou os cinco anos nessa desolada e infernal terra.

Somente para descobrir que o Rei Escuro o tinha enganado.

Sua sentença nunca tinha sido cinco anos, e sim cinco anos no mundo das fadas, quinhentos anos na terra de sombras e gelo.

O dia que seu coração se transformou em gelo dentro de seu peito, quando uma única lágrima se congelou em sua face, quando foi negado o simples consolo de sonhar, ele chegou a encontrar em sua prisão era um lugar de grande beleza.

– Minha Rainha o rei Unseelie mantém a um mortal cativo

O rosto da Rainha Seelie permaneceu impassível, a fim de evitar que sua corte descobrisse quão inquietante tinha encontrado as notícias que trazia o mensageiro.

Durante anos se enfrentaram a Corte de Luz governada por Seelie e a Corte da Escuridão governada pelo Unseelie.

O Rei Unseelie a tinha provocado durante anos.

– Quem é esse mortal? – Perguntou a Rainha com indiferença.

– Aedan MacKinnon, filho e herdeiro da Princesa nórdica Saucy Mary e Findanus MacKinnon, de Dun Haakon, na Ilha de Skye.

– Descendente do rei escocês Kenneth McAlpin. – Refletiu a Rainha em voz alta. –O Rei Unseelie se tornou ambicioso. Aponta muito alto se busca atrair a seu bando a semente dos McAlpin. Que trato fez com esse mortal?

– Enviou seu atual Mão da Vingança ao mundo dos mortais, para eliminar o clã do mortal, entretanto lhe propôs que concordava permanecer cinco anos em seu reino se perdoasse o clã.

– E MacKinnon aceitou?

– Sim. O Rei escondeu que seriam cinco anos no Reino das Fadas, cinco séculos no mundo mortal. Embora, como descendente de McAlpin, suspeito que MacKinnon teria aceito todos os termos, para proteger seu clã

– Que concessão lhe fez o Rei? – Perguntou a Rainha com astúcia. Qualquer trato entre as Fadas e os mortais deve estar sujeito à possibilidade de que o humano possa recuperar a liberdade. Entretanto, até o momento não houve nenhum mortal que superasse uma Fada em um trato.

–Ao final de sua sentença, lhe outorgará, um ciclo completo da lua no mundo mortal, em seu lar em Dun Hakoon. Se nesse lapso de tempo, ele se apaixonar e for correspondido, será livre. Do contrário, deverá servir como a nova Mão da Vingança do Rei, até que este dita substitui-lo, e nesse momento, morrerá.

A rainha fez um som, curiosamente muito parecido a um suspiro.

Por meio destes cruéis métodos, o Rei Unseelie mantinha a seu prezado assassino, sua amada Vingança, capturando um mortal, conduzindo-o além dos limites da loucura humana, endurecendo-o ante toda emoção, dotando o de poderes e artes especiais.

Desde que o Rei Unseelie foi proibiu entrar no mundo mortal, treinava a sua Vingança para que este levasse a cabo suas ordens, sem importar quão abomináveis eram os atos. Os mortais não se atreviam nem sequer a sussurrar o nome do assassino, a fim de não chamar inadvertidamente sua desumana atenção. Se um homem encolerizava o Rei Unseelie, Vingança castigaria o clã do humano, sem sequer perdoar aos inocentes. Se acaso se ouvia murmúrios descontentes a respeito das Fadas, Vingança os silenciava, de maneiras cruéis. Se

a casa real dos humanos não era do agrado das Fadas, Vingança derrubaria os Reis, tão facilmente como se varresse um tabuleiro de xadrez.

até agora, o Rei Unseelie, teve por costume seqüestrar mortais insignificantes, sem clã nem família que os sentisse falta, com o fim de treiná-los como sua Vingança.

Desta vez tinha ido muito longe seqüestrando o neto de um dos maiores reis da Escócia, um homem nobre com honra e um coração puro, refletiu a Rainha Seelie.

Ela recuperaria o mortal.

Ficou em silêncio durante um momento.

Suspirou e depois disse com uma arrepiante voz.

–O que lhe farão esses quinhentos anos nesse lugar!. O Rei Unseelie definiu bem os termos de seu acordo. Aedan MacKinnon ainda será mortal ao final de seu cativeiro, mas quando for liberado não será nem remotamente humano.

A rainha recordou parte de seu passado. Uma vez, há muito tempo, embora nunca pudesse esquecer, ela tinha atravessado essa terra proibida, bailou sobre um pináculo de gelo negro e dormiu placidamente em um suave abraço com o rei Escuro...

- Talvez um tapete encantado – Meditou ela em voz alta – Para atrair a verdadeira companheira de coração de MacKinnon.

Embora quisesse, ela não poderia enfrentar diretamente o Rei Unseelie já que o confrontamento de seus poderes seria gravemente prejudicial para a terra. Porém ela podia e faria tudo o que estivesse em seu poder para assegurar que Aedan MacKinnon encontrasse seu verdadeiro amor no final de seu cativeiro.

- Minha rainha – Propôs o mensageiro indeciso – Eles devem ter somente um ciclo da lua no céu. Talvez devessem se encontrar em seus sonhos.

A rainha refletiu um instante.

O sonho, aquele evasivo, muito buscado e nunca esquecido reino, onde os mortais ocasionalmente roçavam seus pálidos ombros contra as iridiscentes asas das fadas. Aquele reino onde os mortais se surpreendiam ao saber qual batalhas se ganhavam e quais se perdiam, como nascem os universos, que o amor é inevitável, desde Cleópatra e Marco Antônio, até Abelardo e Eloísa. Os amantes podiam se encontrar ali e compartilhar toda uma vida de amor antes de cruzar para o mundo real.

Esse mundo seria uma base muito sólida para ter êxito com seu plano.

- Falou sabiamente – Concordou a rainha levantando de seu trono de flores com graça fluida.

Elevou os braços e começou a cantar.

Com sua melodia, foi se tecendo um tapete. Com a sabedoria das fadas, entrelaçando-se gotas de sangue, pedaços de ossos e sedosos cabelos do tataraneto de McAlpin, usando ritos antigos, conhecidos unicamente pela Raça Verdadeira.

A medida que ela cantava, sua corte a acompanhava.

Para a inconsciência do sonho são atraídos intensamente
Onde se amaram enquanto eles estão adormecidos
Depois no despertar ambos deverão morar
Até que o fogo do amor derreta o inferno de gelo em que ele se arrasta

Quando o tapete esteve terminado, a rainha se maravilhou.

- Realmente se assemelha a Aedan MacKinnon ? – Perguntou, admirando o quadro com evidente interesse erótico.

- Pelo que vi na realidade se parece – Replicou o mensageiro com o olhar fixo na obra de arte, molhando seus lábios.

- Mulher sortuda –Disse a rainha com voz sedosa.

A Rainha das Fadas se aproximou do homem em seus sonhos, bom, em seu cativeiro, como o chamava, quando estava profundamente irritado. Roçando com uma unha seu queixo forte, e sussurrou ao ouvido.

Resiste MacKinnon, porque eu encontrei o par da sua alma. Ela te reconfortará. Ela te amará sobre todas as coisas.

O monstro, acorrentado ao gelo, deitou sua cabeça para trás e soltou uma gargalhada.

Não era em absoluto, um som humano.

Capítulo 2

Na atualidade, Oldenburg, Indiana.

Jane Sillee tinha uma intensa e apaixonada relação com seu carteiro.

O clásico amor-ódio.

No momento que o escutou assoviar em sua entrada, correu para a porta com o coração golpeando seu peito, com um sorriso estúpido curvando seus lábios e a respiração acelerada.

Porém quando ele não entregou uma carta de aceitação exaltando as maravilhas de seu manuscrito, ao contrario, trouxe uma carta de regeição, ela o odiou. O odiou. Sabia que era sua culpa de alguma maneira. Que talvez, só talvez, um editor tinha escrito maravilhas sobre ela e ele perdeu a carta porque era um descuidado, ou também o vento a tinha arrebatado e levado e agora seu brilhante futuro se decompunha em alguma poça de barro.

De qualquer maneira, quanto se podía confiar em um empregado do governo federal? Pensou com desconfiança

Talvez ele formasse parte de um estudo secreto com o objetivo de determinar quanta pressão um escritor podía suportar antes de entrar em colapso e se transformar em um assassino do lápiz.

- Beije meu traseiro – Murmurou ela apertando a carta de regeição anexa ao último pacote- Somente usei tinta preta. Não posso me permitir um cartucho de tinta colorida.

Ela bateu com o pé a porta do pequeno apartamento para fecha-la e se deixou cair no sofá.

Massageando as témporas, franziu o cenho. Precisava que publicassem essa história. Estava convencida que precisava que a publicassem para encontrá-lo.

A ele.

Seu atraente Highlander, de cabelos escuros, que vinha a ela em sonhos.

E depois de vinte e quatro anos já estava começando a se preocupar. Irritada alisou a carta de regeição. Esta era a pior de todas, e as razões pessoais eram numerosas e relatava detalhadamente o fracasso conseguido, o que a fazia se sentir uma idiota no trabalho, inaceitável e sem razão.

- Somente ouço a música celestial quando ele me beija. – Protestou Jane – Pelo menos em meus sonhos o faço. – Murmurou.

Ameaçando-a de novo, jogou a carta através do quarto e fechou os olhos.

Ontem à noite, tinha dançado com ele, seu amante perfeito.

Havia dançado uma valsa, em um claro bosque, sendo acariciados por uma brisa com fragrância do bosque, debaixo de um pavilhão escuro de estrelas aveludadas que brilhavam. Ela tinha usado um vestido vaporoso de seda cor limão. Ele um plaid vermelho e negro em cima de uma suave camisa de linho, atada com correias.

Seu olhar tinha sido tão claro, tão apaixonado, suas mãos tão fortes e poderosas, sua língua tão quente, tão faminta.

Jane abriu os olhos, com o coração palpitante.

Como ia ter uma vida normal se desde que era menina sonhava todas as noites com esse homem? Quando era menina, havia acreditado que era seu anjo da guarda. Mas ela tinha amadurecido, até se transformar em uma mulher. E ele também.

Em sonhos, tinham dançado o baile das espadas entre os fogos sagrados do Beltane no topo de uma montanha majestosa enquanto sorviam mel e bebiam de taças de estanho. Como se podia comparar isso com uma discoteca com bolas de metal no teto e beber Hawaiian Punch em copos de plástico?

Em sonhos, ele tirou com gentileza e carinho sua virgindade.

Quem desejava ver na segunda-feira à noite o futebol pela televisão, bebendo cerveja com um golfista frustrado e além disso funcionário de seguros?

Em seus sonhos, a tinha amado repetidas vezes, seu quente tato rompia sua inocência e despertava para o prazer sensual. E embora ela tivesse que despertar depois de algumas

horas, se esforçava por levar uma vida normal, procurando um homem de carne e osso, mas não havia remédio, nenhum homem normal podia se comparar ao de seus sonhos.

–Você tem esperança de conseguir um homem como esse. – murmurou para si. Se dessem um dólar cada vez que falava dele, agora seria rica e capaz de comprar a Trump Tower de Manhattan. E os direitos aéreos sobre o edifício.

Dando uma olhada ao relógio empurrou a cadeira para atrás. Por motivos de trabalho tinha que estar dentro de vinte minutos no Café Cobra Sorridente, e já chegava tarde, outra vez. Laura podia fazer efetiva sua ameaça de despedi-la se chegasse tarde de novo. Jane tinha uma tendência de esquecer do tempo, quando se inundava em uma investigação ou estava escrevendo se esquecia de todo o resto, para sonhar acordada.

–Você é um inseto estranho de outra época, Jane. –Laura havia dito uma dúzias de vezes.

E de fato, Jane sempre pensou que tinha nascido no século errado. Não possuía carro e nunca desejou ter um. Odiava os ruídos fortes, a poluição e os arranha-céu, amava o campo aberto e as cabanas acolhedoras. Sofria ao viver em um minúsculo apartamento. Ainda não se podia permitir ter uma casa. Ainda não.

Ela desejava ter seu próprio jardim para cultivar vegetais de todo tipo e um pomar de árvores frutíferas. Talvez também uma vaca para ordenhar leite e fazer manteiga, queijo e creme fresca. Desejava ter três meninos e três meninas para criar e amar.

Sim, neste tempo ela era um inseto estranho. Queria escapar da rotina. Quando suas amigas estudaram na universidade e se licenciaram em importantes carreiras, ela preferiu estudar um pós-graduação em inglês e trabalhar em um café. Abrigava aspirações muito simples. A única coisa que desejava era um trabalho sobre pouca pressão e que não interferisse com sua afeição de escritora.

Estava disposta a ter o melhor de ambos os mundos.

Certo, só tinha que esperar, seu príncipe algum dia chegaria.

Escondendo os familiares sintomas da depressão, rodou sua bicicleta pelo minúsculo corredor entre a cozinha e o quarto e de jaqueta na mão saiu de sua casa. Antes de fechar a porta se voltou para comprovar de uma olhada se tinha desligado o computador e quase cai ao tropeçar com um grande pacote que tinham deixado no chão, na entrada de seu apartamento.

Isso não estava aí há meia hora quando havia arrebatado sua correspondência das mãos de um suarento e nervoso carteiro.

–Talvez ele retornou para me deixar isso, -Sussurrou dando uma olhada.

O pacote era grande.

–Deve ser o pedido da livraria que fiz por internet. – Decidiu.

Se assim fosse veio antes do previsto, mas ela não ia se queixar.

Os livros que pediu a inundariam em um mundo de fantasia e romance, durante os próximos dias.

Dando uma olhada, de novo, no relógio, suspirou e apoiando a bicicleta contra a parede, arrastou o pacote até o interior de seu apartamento. Depois fechou e trancou a porta. Não abriria o pacote, era o melhor. Se o abrisse com certeza que se entreteria com algum livro e Laura a queimaria viva.

Era perto da uma da madrugada quando Jane retornou finalmente a casa. Se ela tivesse que fazer um só café Expresso mais, ou sem espuma, ou com dobro de açúcar… haveria feito dano ao cliente. Por que não podiam beber um café normal? Sem necessidade de contar o açúcar ou o creme que colocassem. A vida era muito curta para contar calorias. Pelo menos isso era o que dizia a si mesma, ao olhar seu rebolado, tinha um metro e cinqüenta de altura.

Dando de ombros afastou qualquer pensamento a respeito de seu trabalho. Havia trabalhado suas horas e agora estava livre. E não podia esperar mais para começar a ler o romance de um vampiro que encontraria em algum dos livros que encomentou!

Depois de escovar os dentes, imediatamente trocou os jeans e o suéter por uma romântica camisola de margaridas minúsculas, bordadas à mão. Ela jogou a caixa na sua cama e cruzou as pernas em cima da colcha de plumas fora de moda. Rompeu com uma faca a fita de embalagem do pacote e cheirou, pois um aroma irresistível e picante se

desprendia do pacote. Jasmim, sândalo e algo mais… Algo evasivo, que recordava e que a fez sentir-se romântica.

Era hora de ler um romance. Pensou com pesar, sem homem à mão o melhor era ler para se recrear com as cenas de amor. Somente em sonhos seus hormônios se revolviam inquietos.

Com um sorriso irônico rebuscou entre as aparas púrpuras de Styrofoam e parou quando suas mãos tocaram um rugoso tecido. Franzindo o cenho, puxou o tecido, fazendo voar por toda parte as aparas protetoras, que terminaram rodando pelo piso de madeira. Um aroma exótico alagou o quarto, ela lançou um olhar à janela fechada pois uma estranha brisa removia seus cabelos e as dobras de sua camisola.

Perplexa, colocou o tecido dobrado em cima de sua cama, e depois comprovou o exterior da caixa. Não havia impresso nenhum selo, nenhum remetente, somente seu nome na tampa com letras douradas e o número de seu apartamento.

–Não vou pagar por isto. – Anunciou em voz alta, segura que custaria uma pequena fortuna – Não o pedi.

Não possuía suficiente dinheiro para comprar algo como isto. Embora quisesse não podia se permitir.

Irritada por não ter livros novos para ler, estirou o pesado tecido desdobrando-o pela cama.

Ficou imóvel ao ver o que era.

–Isto não é divertido. – Disse com a respiração acelerada– Não! – Sussurrou em voz baixa – Isto não é possível!

Diante ela, havia uma tapeçaria esquisitamente tecida, de cores brilhantes, mostrando um magnífico guerreiro no meio de um bosque, diante um castelo medieval, com as pernas separadas em uma postura arrogante, que dizia claramente que ele era um chefe de clã.

Vestia um kilt vermelho e negro, adornado com o emblema do clã, e tinha as mãos estendidas para ela como se pretendesse tocá-la.

Era ele.

Seu homem ideal.

Inspirando profundamente, ela fechou os olhos e depois os abriu lentamente.

Continuava sendo ele.

Cada detalhe, como ela o tinha sonhado. Seus antebraços fortes, suas mãos, seus olhos luminosos como a água, seu cabelo escuro e sua boca sensual.

Ela deveria ter vivido na época medieval com um homem assim!

Debaixo da imagem costurado cuidadosamente, estava seu nome.

–Aedan MacKinnon– Sussurrou Jane.

Os mortais que estavam cativos no Reino encantado não envelheciam pois o tempo se estendia para o infinito e Aedan MacKinnon, não era nenhuma exceção. Bastaram apenas duzentos anos, preso no gelo, junto com as imaginativas torturas do Rei, para que o Highlander esquecesse quem foi alguma vez. Os dois seguintes séculos, o Rei os dedicou a treiná-lo brutalmente e a condicioná-lo mentalmente.

Ensinou ao Highlander cada idioma falado e o instruiu em habilidades, costumes, e peculiaridades de cada século de modo que pudesse se mover entre a humanidade em qualquer época, sem levantar suspeitas. Treinou-o com cada arma, e formas de luta concebíveis e o dotou com dons especiais.

Quase terminando o quinto século, o Rei o enviou com freqüência ao reino mortal para repartir castigos. Erradicar o confuso sentido da honra, do mortal, tinha sido impossível, assim que o Rei usava feitiços para obrigá-lo a obedecer nas missões, e se o conflito causava dor ao mortal, o Rei não se importava.

Ao Rei Unseelie, só importava o resultado final.

Depois de cinco séculos, o homem, uma vez conhecido como Aedan MacKinnon, não tinha nenhuma lembrança do curto lapso de tempo de trinta anos que passou no reino dos mortais.

Já não tinha consciência que ele mesmo era um mortal, e não entendia por que seu Rei o tinha banido a este lugar.

Mas o Rei sabia que só teria sua Vingança uma vez que se cumprissem todos os termos do acordo original, acordo que o Highlander tinha esquecido fazia muito tempo. Conforme esse acordo, ao Rei estava proibido forçá-lo com magia ou instruções de qualquer espécie.

Vingança teria seu mês no castelo Dun Hakkon na Ilha Skye, livre da intromissão do Rei.

Ainda assim, o Rei podia lhe oferecer algumas sugestões…..Sugestões que sabia que sua treinada Vingança, interpretaria como ordens diretas.

Depois de informar a Vingança, para quem o tempo significava muito pouco, que era o ano 1428, refrescando seus conhecimentos dos costumes apropriados do século, e dando uma pesada bolsa de moedas de ouro, o Rei Unseelie, sugeriu, escolhendo as palavras adequadamente.

–Seu corpo terá necessidades no reino mortal. Deve comer, mas sugiro que procure somente mantimentos leves.

– Como desejar, meu senhor – Respondia a Vingança.

–A aldeia Kyleakin está perto do castelo, onde residirá. Será melhor que vá lá para se abastecer do que necessite e não perca tempo paquerando nesse lugar.

– Como desejar, meu senhor.

–Sobretudo, não seria sábio procurar a companhia de seres humanos femininos ou permitir que o toquem.

– Como desejar, meu senhor – Fez uma pausa, então disse– Devo deixá-lo?

–Somente por um curto tempo, minha Vingança

Vingança deu uma olhada final à terra que achava tão bela.

– Como desejar, meu senhor. – Disse.

Jane estudou a tapeçaria, passando seus dedos sobre ele, tocando seu rosto se perguntando por que ela nunca pensou em tentar criar um retrato dele antes.

Que alegria seria olhá-lo quando despertasse!

Se perguntava de onde tinha vindo, por que tinha sido enviado, se significava que ele realmente existiu em alguma parte.

Talvez, decidiu, ele viveu faz muito tempo, e essa tapeçaria tinha sido seu retrato, herdado de geração em geração. Parecia que havia sido cuidado amorosamente durante séculos.

Não obstante, isso não explicava como ou porquê lhe tinha sido enviado. Nunca tinha contado a ninguém sobre os recorrentes sonhos com seu Highlander. Não era uma explicação lógica para a chegada da tapeçaria.

Assombrada, sacudiu a cabeça, espantando as inquietantes perguntas que vieram à mente, e olhou laonga e fixamente o retrato.

Divertida, meditou o que tinha acontecido.

Tinha estado sonhando com ele, sempre, mas até este momento, nunca soube seu sobrenome. Ele tinha sido somente Aedan e ela somente Jane.

Suas noites em sonhos, tinham estado desprovidas de bate-papos. O seu tinha sido um amor sem palavras; a tranqüila e alegre união de duas metades de um todo. Não havia necessidade de perguntas, somente de dançar e de amar e um dia não muito longínquo, de bebês.

Seu amor transcendeu a necessidade de um idioma. O idioma do coração era inequívoco.

Aedan MacKinnon. Ela repetiu o nome em sua mente, uma e outra vez.

Ela se perguntava, desejava e sofria por ele, até que no final, reclinou sua face contra a face na tapeçaria, e com suavidade beijou seu retrato.

Enquanto adormecia, e começava a sonhar, no preciso instante que precede ao sonho profundo, no qual Jane sentia que caía, pensou que escutava uma voz clara que cantava suavemente.

As palavras soaram claras, repetindo-se em sua mente.

Libera-o do inferno de gelo que arrasta consigo
E em seu século ambos poderão residir.
No mundo do Sonho o amaste

Agora, ao Despertar deverá salvá-lo.
E então ela não pensou em nada mais, e deslizou em uma maré de sonhos.

Capítulo 3

1428.
Ilha do Skye.

Quande Jane despertou naquele lugar, havia um gatinho enroscado em seu pescoço tirando uma soneca. Suas patas estavam enroscadas em seus cabelos, amassando e ronronando delirantemente, enquanto seu minúsculo corpo se estremecia de prazer.

Ela piscou, tentando despertar. Como entrou o gatinho na caixa? Se perguntou acariciando seu sedoso ventre, sentindo-se terrivelmente culpada por não tê-lo descoberto antes. Como pôde respirar na caixa? A pobre coisa devia estar faminta! Veio na cabeça que teria um pouco de atum na despensa para dar ao pequeno bichano.

Estirando-se cautelosamente, levantou a diminuta criatura e a afastou de seu pescoço, e rodou até ficar de lado.

Então gritou.

– Um laago!– Balbuciou – Há um lago em meu quarto! – A água estava a um metro dela. De um azul profundo, batoa suavemente na borda. A borda na qual ela havia estado dormindo.

Atordoada, levantou, realizando uma frenética verificação mental.

O quarto não estava. O apartamento não estava. A tapeçaria não estava.

O gatinho... Sim estava.

A camisola..… Não estava.

– Não estou de bom humor para ter este tipo de sonho. – Gritou.

Flores púrpuras. Aqui.

Um Castelo. Aqui.

Um Castelo?

Esfregou os olhos com as palmas das mãos. O gatinho miou e deu uma cabeçada insistente, exigindo mais carícias em sua barriguinha.

Segurou com firmeza o listrado gatinho e olhou boquiaberta para o castelo. Este se parecia muito ao castelo que visitava em sonhos, exceto que este castelo estava perto da ruína e só uma quarta parte dele ainda estava intacta.

– Ainda estou dormindo – Murmurou – Estou sonhando que despertei, não é assim?

Não teria estado mais surpreendida se nesse momento o gatinho tivesse miado descaradamente, mostrando seus dentes e tivesse respondido. Mas não o fez, então, embalando seu minúsculo corpo, levantou e começou a caminhar para o castelo mostrando uma careta de dor quando seus pés nus pisaram nas pedras.

Tentou imaginar para si um pouco de roupa e sapatos, mas não deu resultado.

Chega de tentar controlar o subconsciente. Pensou.

Enquanto ela mantinha o olhar na parte intacta da torre central quadrada, a qual confinava com uma torre redonda menor, viu uma escura sombra que se agitava em cima das paredes. A sombra se transformou em uma camisa, a camisa em um ombro e o ombro em um homem.

Seu homem.

Ficou parada, imóvel, olhando para cima.

Vingança não podia decifrar o que o havia levado a subir ao mais alto daquela torre.

Tinha a intenção de se sentar no vestíbulo do estranho castelo, comendo somente o suficiente para sobreviver, sem contemplar nada, esperando a volta de seu rei, mas havia sentido a entristecedora necessidade de sair fora.

Estando fora, entretanto, ficou desconcertado, já que não encontrou frieza e silêncio, e sim calor e a cor o rodeava. Caminhou de um lugar para outro, subindo o caminho que levava a torre, onde se sentia menos assustado pela estrangeira paisagem.

E ali estava parada a moça.
Nua, como veio ao mundo.
Algo abaixo de seu ventre se contraiu. Talvez seria o pão duro que tinha comido. Tentou se convencer.
Da distância, ele reconheceu sua beleza.
As chamas de seus cabelos avermelhados e frisados que emolduravam uma delicada face de porcelana, caíam para trás por suas costas e por seus seios em forma de cachos de cabelo… seios cheios e altos com mamilos rosados. Umas pernas translúcidas e rosadas, tornozelos finos, generosas coxas. E entre suas coxas mais chamas de fogo.
Durante alguns instantes, foi incapaz de afastar o olhar dela.
Mas somente por um momento.
Ela segurou com firmeza um pequeno gato contra seu seio, e ele teve outro lapso. Observando à pequena mulher, veio-lhe à memória uma lembrança vaga e distante.
Evitou-a.
As fêmeas Unseelie eram criaturas geladas, com extremidades finas e corpos frios. Embora esta mulher não parecia fria. Nem magra. E sim ampla e generosamente arredondada e suave… E…Quente.
Não devia procurar a companhia de seres humanos femininos ou permitir que o toquem. Tinha ordenado seu rei.
Vingança lhe deu as costas e deixou então o caminho da torre.

Jane abriu e fechou a boca uma dúzias de vezes ao ver que ele desaparecia da torre depois de contemplá-la de cima a baixo. Desapareceu sem mais, sem dizer nenhuma palavra.
Como se não a conhecesse! Como se não tivessem sido amantes, quase toda uma vida.
Como se ela não tivesse estado nua, mostrando-se em toda sua glória, que se acreditasse nas palavras de amor que havia sussurrado em sonhos, sentiria-se decepcionada.
Bem. Pensou Jane Sillee desgostosa. Se ele acreditar que isto é um sonho quebrado, não o conseguiu, espera e verá.

Capítulo 4

Foi um pouco difícil e nada convincente entrar no castelo nua, até sendo um sonho.
Estava preocupada a respeito da celulite e que pisassem em um de seus pés nus.
Apesar de tudo, Jane entrou no castelo, em parte graças à ira que sentia, algo indecisa e com seus mamilos como cata-ventos, notavelmente congelados.
Estava sentado diante da lareira apagada, olhando-a fixamente. Ela olhou a lareira nostalgicamente, desejando o fogo. Talvez fosse verão, mas dentro do castelo fazia frio. Sempre cavalheiresco em seus sonhos, ele conseguiria acender o fogo para ela, disposto a agradá-la. Então se deu conta de um pequeno detalhe, ela nunca tinha tido frio em um de seus sonhos anteriores. Arquivou este detalhe em sua mente, para uma consideração futura. Havia muitas coisas estranhas neste sonho.
–Aedan. – Disse ela suavemente.
Ele não moveu nem um músculo.
– Aedan, meu amor. – Tentou de novo.
Tavez esteja de mau humor. Pensou a jovem desconcertada, nunca esteve zangado antes. Mas sempre havia uma primeira vez para tudo.
Estava acaso zangado com ela? Tinha entrado em um mau momento no sonho?
Não se movia nem dizia nada.
– Perdoa. – Disse com voz dura desta vez a mulher, se colocando diante dele e usando o gatinho para cobrir os seios ante um inesperado ataque de acanhamento.
Bom... Talvez ele não olhe para baixo....
Mas ele olhou para baixo.
Quando ela baixou o gatinho, que não deixava de miar, ele olhou para cima.
– Isso não é justo. – Disse a jovem ruborizando – Empresta-me sua camisa?
O que estava vivendo não se parecia em nada ao que habitualmente sonhava.

Normalmente ela não tinha inconveniente em estar nua diante dele porque sempre acabavam fazendo amor na cama, ou em uma pilha de feno recém colhido, ou no lago deserto ou em uma mesa convenientemente disposta, mas agora ele estava vestido e com mau aspecto.

– Por favor. – Ela estendeu a mão.

Aedan deu de ombros e começou a desabotoar sua camisa de linho segura na garganta. Quando ele levantou o braço por cima da cabeça e jogou sua cabeça para trás, Jane tragou com dificuldade.

–Ah, Aedan. – Sussurrou.

Magnífico.

Sempre tão perfeito, com músculos suaves que perfilavam seu abdômen duro e seu peito. Jane havia beijado cada centímetro desse corpo. A beleza de seu montanhês se quebrou com um duro golpe em seu peito, deixando seus joelhos facos, quando o escutou.

– Não sei por que persiste em se dirigir a mim por esse nome. Sou Vingança. – Disse, com uma voz rouca e áspera como o tato da folhagem contra a pele.

Jane abriu a boca até formar uma O pela surpresa.

– Vingança? – Voltou olhos. Isto é um sonho, não é Aedan?

Isto era muito diferente de seus sonhos usuais. Em seus sonhos tudo era luz e cor perto da borda da água, mas agora era escuridão e vazio.

Sim, muito vazio. Pensou franzindo o cenho e olhando a seu redor.

O interior do castelo era um desastre. A imundície e a fuligem manchava os poucos móveis que adornavam o salão, algumas asquerosas teias de aranha oscilavam nas vigas e não havia vidros nas janelas. Não havia cortinas, nem impressionantes tapeçarias, nem luxuosos tapetes cobrindo os chãos. Tão somente uma velha cadeira perto de uma arruinada mesa em um lar vazio. Nem velas, nem abajures de óleo. Muito espartano, escuro e tremendamente frio.

Ele refletiu alguns instantes sua pergunta.

– Não sei de que sonhos fala. – Ali só existia ele, e desde que recordava sempre esteve sozinho, junto às sombras, o gelo e seu Rei. E...Aa dor, a dor também o acompanhava às vezes. Não sou quem pensa.

Jane inalou profundamente, sentindo-se um pouco desorientada. Doeu. Por que ele negava tudo? Era ele... Ou talvez não…

Ela semicerrou os olhos e o estudou atentamente.

A mesma queda de cabelos, a mesma cara cinzelada e sua mandíbula esculpida. Os mesmos olhos brilhantes da cor das águas tropicais. Ao olhá-los viu brilhar a frieza no mais profundo de seus olhos. Seus lábios sensuais estavam delineados por uma fina linha azulada, como se o frio intenso o tivesse apanhado. Todo ele parecia congelado. Provavelmente tinha sido esculpido em gelo e pintado de cor carne.

– Sim, é você, – Disse com firmeza a jovem – é Aedan MacKinnon.

Uma luz brilhou no mais profundo de seus olhos celestes mas se apagou rapidamente.

– Deixa de me chamar com esse nome tão ridículo. Sou Vingança. – Respondeu com firmeza e sua voz ressonou no vestíbulo de pedra.

Lançou a camisa a jovem.

Jane a alcançou com ânsia, dependente da necessidade de colocar um pouco de roupa em cima, procurar uma blindagem para se proteger desse olhar frio. Recordou como escovava seus cabelos com suavidade e a despia lentamente. Doía, doía olhá-lo e recordar.

Baixou o gatinho ao chão, e este se escondeu entre seus tornozelos, ronronando. Rapidamente passou a camisa por sua cabeça e puxou para baixo. O suave tecido roçou o chão e a abertura da camisa deixou descoberto seus seios. Ruborizada abotoou a camisa à altura dos seios.

Olhou-o fixamente. Inalou profundamente e depois recolher o gato, deu um passo para ele.

Instantaneamente ele levantou uma mão.

– Quieta. Deve ir.

– Do que esta falando Aedan?– Perguntou a jovem lastimosamente.

– Nunca a tinha visto, humana. Este é meu lar. Fora!

Jane abriu os olhos de tudo.

– Humana?– Disse. – Fora? – Estalou a língua – E aonde vou? Não sei como sair. Se nem sequer sei como cheguei até aqui. Sinos do inferno! Ainda não acredito que isto seja real ou se é somente um sonho. – explodiu.

– Se você não sair, o farei eu e saiu do vestíbulo, entrando nas sombras da ala adjacente.

Jane ficou em silêncio olhando fixamente o espaço que ele tinha ocupado.

Jane estudou as águas do lago durante um momento, antes de se banhar, inundando um dedo em suas águas, com seu pequeno tigre perto dela, escondido sobre suas patas traseiras, movendo a amaciada cauda e olhando com curiosidade o que fazia.

– Sal! Não era nenhum lago o que a rodeava, era o mar. Que mar? Que formoso mar de Escócia? Ela nunca tinha estado bem com a geografia; se tivesse sorte podia encontrar o caminho de casa cada dia. Mas então, meditou, nunca antes em um de seus sonhos se incomodou em perguntar sobre provas de geografia, uma evidência mais que este sonho era surpreendentemente anormal.

Jane sentou com as pernas cruzadas sobre a borda rochosa, sacudindo a cabeça. Estava completamente louca, ou tinha seu primeiro pesadelo com seu amante de sonho.

Quando estava sentada, esfregando sua testa e pensando seriamente, as sílabas suaves de uma rima incomodaram sua memória. Algo sobre o salvar… Sobre viver em seu século.

Jane Sillee, finalmente o fez, brigou consigo, tem lido muitas novelas românticas. Só nos livros as heroínas viajavam atrás no tempo, e depois geralmente terminavam na época medieval! Oh!

Cambaleando sobre seus pés, girou para o castelo e deu um longo e penetrante olhar a seu entorno. À esquerda do castelo, com um quilometro e meio de distância, estava um povoado coberto com palha entretecida e choças revestidas, com nuvens de fumaça ondeando preguiçosamente para o céu.

Um povoado medieval ao que parecia.

Se beliscou com força.

– Ai! Isso doeu. – Disse em voz alta como se com isso provasse algo.

–Não é possível– Ela se reconfortou. – Devo estar sonhando.

O libera de seu inferno suportado em gelo e em seu século ambos podem morar. No sonho você já o amaste, no despertar deve libertá-lo.

A estranha rima que havia escutado há alguns momentos, agora voltava a ressurgir com claridade em sua mente.

–Impossível – Zombou de si mesma.

Mas e se não fosse? Perguntou uma voz cheia de esperança que surgiu desde seu coração.

O que ocorreria se a misteriosa tapeçaria, de certa maneira, tinha-a enviado à época medieval? Acompanhada de passagem de instruções claras.

Que ela tinha o poder de salvá-lo, e que graças a isso podiam permanecer juntos em seu século.

Mas, que século seria esse? Jane bufou e negou com a cabeça.

–Se acalme – Respondeu ela com voz lógica – Só há três possibilidades. Uma, está sonhando. Duas, está louca, e três está verdadeiramente aqui. Se for um sonho, nada importa, assim pode mergulhar tranqüila. Se estiver louca, tampouco importa para nada, assim pode mergulhar diretamente na água. Mas se realmente está aqui, então se supõe que o tem que salvar, e tudo o que te ocorra importa, assim que o melhor é que se apresse e mergulhe diretamente.....

–Estou louca – Murmurou em voz alta – Viajem no tempo! – Zombou.

Mas essa voz que falava tinha um pouco de razão. O que podia perder se interrompia sua incredulidade temporariamente e acreditava no que acontecia?

Somente acreditando no que a rodeava poderia encontrar um sentido para tudo isto.

E se era um sonho, mais tarde despertaria.

– Céus – Pensou, inspecionando a paisagem

Tudo parecia tão real. Muito mais real que qualquer dos sonhos que ela podia ter tido. As púrpuras flores acompanhadas exsudaram uma fragrância doce. O vento transmitiu o sabor forte do sal do mar.

Quando se inclinou para acariciar o gatinho sentiu a suave e sedosa pelagem e seu pequeno nariz úmido.

Se ela estava sonhando, sem dúvida este seria o sonho mais detalhado, mais incrível que ela já tinha tido.

Capítulo 5

Ela era uma criatura exigente.

Vingança terminou fazendo três viagens ao Kyleakin para adquirir as coisas que a moça considerava "as necessidades básicas''. Estava absolutamente claro que não tinha planos para ir-se. Certamente, ela se propunha refestelar-se em uma vida de luxo durante sua estadia. E como não estava seguro se seu Rei tinha imposto a presença dela como parte de algum misterioso plano preferiu não dizer nada, e como tinham dito que residisse no castelo até ser convocado, parecia que devia compartilhar sua moradia temporária com ela. Estava enormemente incômodo e só desejava saber o que ela esperava dele. Como podia agir em nome de seu rei se não sabia porquê estava ali?

Em sua primeira incursão a Kyleakin, a única viagem feita por sua própria vontade enquanto ela tinha estado ocupada revolvendo completamente os baús na torre redonda, tinha comprado unicamente pão do dia anterior, assim ambos podiam comê-lo essa tarde. Embora achasse o calor e as cores da paisagem irritantes, estava aliviado de poder escapar da desconcertante presença dela e bobamente acreditou que procurando comida poderia silenciar sua língua viperina.

Quando descobriu sua "saída de compras" sem ter avisado, agitou sua massa de brilhantes cachos e franziu o cenho, ordenando que procurasse por mantimentos adicionais. A segunda vez gastou uma considerável quantidade das moedas de ouro que seu Rei deu comprando mantas de lã (sim, podia dizer que eram um pouco irritantes e ásperas, mas ele não as necessitava, para começar) além de carne, queijo, fruta, plumas, tinta, e três opulentas, extravagantemente custosas folhas de pergaminho; o pergaminho e as plumas porque ela proclamava ser "uma escritora" e era imperativo que escrevesse cada dia. Ao princípio causou assombro que ela se gabasse de conhecer as letras, depois se deu conta que era, como não, um lucro estranho para um simples mortal. Acreditava conhecer muito mais letras que ela, e além disso, se ela ainda precisava praticar, era uma penosa aprendiz.

Não impressionada com os resultados de sua segunda expedição, mandou-o de volta uma terceira vez, com uma pequena lista em uma parte de pergaminho, para procurar mais pergaminho, grãos de café ou chá forte, um caldeirão, tigelas, talheres para comer, um fornecimento de trapos e vinagre para a limpeza, mantas de lã suaves, capas para cobrir os colchões, vinho, e (a menos que queira pescar no mar você mesmo), pescado fresco para a inútil besta peluda.

Vingança, recebendo ordens de uma pequena mulher. Procurando alimento para um caçador de ratos. Certo!

De qualquer modo, ela era uma coisa hipnotizante. Especialmente com o vestido rosa pálido que tinha desenterrado de um dos muitos baús. Seus olhos faiscavam com irritação quando fazia demandas, seus seios se moviam suavemente quando gesticulava, depois se voltava toda cantarolando e carinhos quando parava para arranhar a pequena besta atrás de suas peludas orelhas. Fazendo-o imaginar como seriam seus magros dedos em seu cabelo.

Não estava preparado para uma pessoa como ela e se perguntava porque seu rei não havia advertido que os seres humanos podiam ser assim… Ela o intrigava. Nenhum dos seres humanos que havia encontrado em suas viagens anteriores tinha sido tão convincente, e seu rei alguma vez os tinha pintado como criaturas grossas, mal-humoradas, estúpidas, facilmente manipulaveis por seres superiores como Vingança.

Ele ainda não a tinha conseguido manipular nem sequer um poquinho nas atuais circunstâncias, estava muito ocupado recebendo ordens dela. Me construa um fogo, me dê

sua camisa, compra isto, compra aquilo. Humph! Que mais podia exigir depois? Ele, a mão formidável da ira do rei das fadas, quase teve medo se soubesse.

–Me beije.

– O que? – Disse ele sem entender.

–Me beije – Repetiu ela, com uma pequena cabeçada alentadora.

Vingança recuou, se amaldiçoando interiormente pela retirada, mas algo na ardente moça o incitava a escapar aos lugares mais separados da ilha.

Sob sua direção: Esponjou várias capas pesadas sobre a única cama na torre da comemoração. Ela estava feliz cobrindo-a com as suaves mantas de lã e um luxuoso cobertor de veludo verde que ele não tinha tido intenção de comprar. Tinha sido obrigado a tomá-lo por seu proprietário, quem havia estado encantado de ouvir que uma mulher estava na residência em Dun Haakon e havia celosamente perguntado – São vocês os novos Lord e Lady de Dun Haakon? – Franzindo o cenho, atirou a moeda ao lojista, segurou a roupa de cama, e saiu do estabelecimento rapidamente.

Estava começando a se resentir que seu rei não tivesse dado ordens. Lá, em seu escuro reino, Vingança sabia quem era e qual era o alvo. Aqui, estava perdido, abandonado em um sufocante e ruidoso mundo que não conhecia, rodeado por criaturas que não podia entender, sem uma só palavra de guia de seu Rei.

E agora a moça o queria para algo mais. Que, precisamente, não sabia com certeza, mas suspeitava que era um mau presságio. Ela era uma criatura muito preocupada com sua comodidade, e sob essa característica, como seu rei estava acostumado a dizer, estava a fraqueza, desatino e ruína. Vingança tinha poucas necessidades físicas, apenas comida, água, e a ocasional hora de descanso.

–Me beije – Pediu ela, franzindo os lábios. Alisou uma vez mais o cobertor aveludado. –Penso que isto pode te ajudar a recordar.

– Que exatamente é um beijo? Perguntou com suspeita.

Os olhos dela se aumentaram e o olhou com assombro. – Não sabe o que é um beijo? Exclamou.

– Por que teria que saber? É uma coisa de mortais, não é assim?

Ela moveu a cabeça e ficou com o olhar pensativo, como se estivesse tendo um acalorado debate interno. Depois de um momento, pareceu que já tinha tomado uma decisão e parou mais perto, ele manteve sua posição ereta, se recusando a ceder uma polegada.

–Eu quero pressionar levemente meus lábios contra os seus – Disse ela, a inocência unida a um gracioso sorriso. – põe os juntos, assim. – Demonstrou ela, o gosto dos seus labios promoveu uma profundamente dor em sua virilha.

–Não. Você não pode me tocar, – Disse ele rigidamente.

Ela se inclinou mais perto. Ele captou uma suave essência, algo doce e floral em suas flamegentes tranças. Isto o fez querer colocar o rosto em seu cabelo, inalar com gula, e acariciar os acobreados cachos.

Moveu-se para trás. Felizmente, a moça era muito baixa para chegar a seu rosto sem sua cooperação. Ou sem um tamborete.

–É tão teimoso – Disse ela, com um suspiro impetuoso. –Bom, vamos conversa então. Está bastante claro que temos muito o que conversar. Ela fez uma pausa–Não sabe o que são os beijos – Murmurou para si mesma, agitando sua cabeça. – Isso nunca aconteceu em meus sonhos antes. – Posando-se no final da cama, seus pés pendurando frouxamente, bateu no espaço junto a ela. –Vêem. Sente-se a meu lado.

–Não. – Quando o gatinho saltou delicadamente à cama e rodou através do cobertor aveludado, ele o olhou com má cara. – Você ou essa faxineira molhada de pele – Estou inseguro de qual é mais inútil. Ao menos a besta não conversa.

–Mas o bichinho tampouco pode beijar – Disse ela maliciosamente. – E não é uma faxineira molhada. Não insulte o meu gatinho – Acrescentou defensivamente.

–Atribui um alto valor a estes seus beijos. Mal acredito que valham muito – Disse com desdém.

–Isso é porque você não me beijou ainda. Se o fizesse, saberia.

Vingança se moveu, apesar de suas melhores intenções, parou aos pés da cama entre as pernas dela. Olhou para baixo. Ela recolheu ao gatinho e pressionou seus lábios em sua

cabeça peluda. Fechou seus olhos e lutou contra uma maré de imagens que não tinham sentido para ele.

–Talvez tenha medo – Disse ela docemente.

Abriu seus olhos. –Eu não temo a nada.

– Então por que não me deixa fazer algo tão inofensivo? Vê? O gatinho sobreviveu ileso.

Lutou com a resposta durante um momento, depois disse simplesmente, – Você não pode me tocar. Está proibido.

– Por que não, e por quem?

–Obedeço a meu rei. E não te interessa o porque.

–Eu penso que sim. Acreditava que era um homem que pensava por si mesmo. Um guerreiro, um líder. Agora me diz que segue ordens como um pequeno boneco.

– Boneco?

–Uma imitação de uma pessoa real feita de madeira, criado por seu amo. É só um criado, certo?

Sua delicada gozação o incomodou rapidamente, e estremeceu com ira. A quem chamava ela de um criado? Ele era Vingança, era perfeito e forte e…Och!, era o criado de seu rei. Por que isto o irritava? Por que sofria a estranha sensação de que nunca tinha sido servo de ninguém, e sim um líder por direito próprio?

– Por que o obedece? – Pressionou ela. – Este seu rei significa tanto para você? É bom com você? Me conte dele.

Vingança abriu sua boca, depois a fechou, e deixou o quarto em silêncio.

– Onde vai? – Chamou ela.

–Preparar a comida, assim poderá dormir e me deixará em paz – Resmungou sobre seu ombro.

Jane comeu na cama, só, exceto pelo gatinho. Aedan lhe trouxe pescado assado sobre o fogo e uma batata enegrecida que obviamente tinha sido cozinhada nas brazas, acompanhada por um nabo carbonizado de modo similar, depois saiu em silêncio. Nada de sal. Nada de manteiga para a batata seca. Nenhuma gota de limão para o pescado.

Com cautela, concedeu que provavelmente não estivesse sonhando – A passagem nunca tinha sido tão desagradável em seus sonhos. E pensando melhor, compreendeu que embora houvesse assistido a muitos banquetes nos sonhos, na realidade nunca havia comido nada em nenhum deles. Agora, complicou-se porque estava emocionalmente muito esgotada para tentar cozinhar ela mesma sobre um fogo aberto. Amanhã seria outro dia.

O gatinho listrado; a quem ela tinha batizado Sexpot (Mulher muito sexy) depois que disimuladamente desse uma olhada sob sua cauda, motivada pela forma que o pequenino se estirava como se de modo extravagante sentisse prazer em si mesmo; avidamente tinha devorado um tenro filete de pescado, para depois ocupar-se de esfregar suas costeletas com suas pequenas patas umedecidas por saliva enquanto Jane pensava na sua situação.

Assombrou-se ao descobrir que Aedan não tinha idéia do que era um beijo, mas quanto mais pensava nisso, mais sentido havia.

Aedan não só não sabia que era Aedan, tampouco recordava que era um homem, daí que não recordava as intimidades de fazer amor!

Ela se perguntava se isto o transformava numa espécie de virgem. Quando eles finalmente fizessem amor e não houvesse dúvida em sua mente de que o fariam, de uma maneira ou outra, mesmo que tivesse que embosca-lo e ataca-lo, ele teria alguma idéia do que se tratava aquilo? Era desconcertante pensar que devia ensinar tudo a ele, justo ele que tinha sido seu inesgotável professor em seu sonho.

Certamente não havia gostado da provocação, refletiu ela. Tinha se mostrado cada vez mais irritado quando zombou dele por obedecer seu rei e tinha se eriçado visivelmente diante a idéia de ser um mero criado. De qualquer modo, apesar de tais reações comprometedoras, tinha uma couraça formidável que ia ser difícil de penetrar. Ajudaria se ela soubesse o que havia acontecido com ele. Queria que ele falasse sobre seu "Rei" e descobrir quando e como se conheceram. Tinha certamente um Rei fada, talvez esse ser o tivesse encantado. A idéia pareceu incrível para Jane, porém, considerando todas as coisas, supôs que não poderia dar nada por descontado totalmente. Não até que chegasse a algumas conclusões concretas sobre o que havia acontecido, seria imprudente de sua parte rejeitar qualquer possibilidade.

Fosse o que fosse que tinha acontecido com ele, ela teria que desfaze-lo. Esperava que não tomasse muito tempo dela, pois não estava segura de quanto poderia suportar como sua alma gêmea a olhava furioso, com ostensiva desconfiança e aversão. Impedindo seus beijos. Recusando seu toque.

- Tem um mês aqui com ele, não mais, sussurrou a voz harmoniosa de uma mulher.

Sexpot deixou de se lamber, a pata congelada diante sua cara. Se arqueou em forma de ferradura e emitiu um silvo feroz.

- Qu...Quem? – Tartamudeou Jane, olhando a seu redor

- Acaba com seus protestos absurdos acerca deste lugar não ser verdadeiro. Está no século XV, Jane Sillee. E aqui poderá ficar, se tiver êxito. Tem somente um ciclo completo da lua no céu para fazer com que ele recorde quem é.

Jane abriu a boca, fechou, e a abriu outra vez, porém nada saiu. Sexpot não sofria esse problema, grunhia baixo e longamente. Alisando com cuidado os pelos arrepiados das costas de sua gatinha, Jane molhou os lábios e engoliu em seco. – Isso é impossível, o homem apenas me fala! E quem é você? – Exigiu. Estou falando com uma voz sem corpo, pensou, desconcertada.

- Não sou eu de quem você quer saber. Se preocupe com ele.

- Não me venha com segredos. Quem é você? – exigiu Jane.

Não houve nenhuma resposta. Depois de alguns minutos, o lombo de Sexpot parecia menos com o de um porco espinho, e Jane compreendeu que fosse quem fosse que tinha falado havia ido embora.

- Bem, somente. Que acha que farei? – gritou ela com ira. Um mês não era muito tempo que se diga, para descobrir o que tinha acontecido com ele e o ajudar a recordar quem era. Ela gostaria de saber quem inventava as regras. Ela teria cravado um ou dois dedos contra eles.

Aedan apareceu na entrada e percorreu o quarto rapidamente com o olhar. Só depois de descobrir que ela estava só e não havia nenhum perigo aparente falou. – Por que está gritando? – Exigiu.

Jane o olhou fixamente, emoldurado na entrada, iluminado por um raio prateado de luz da lua que derramava pela janela aberta, seu podero peito desnudo suplicando que o tocasse.

Duas certezas a atravessaram ao mesmo tempo e sentiu a aflição até a medula dos ossos: Primeiro e como tinha dito a mulher, ela realmente estavano século XV, e segundo se ela não o ajudasse a recordar, algo terrível, além da sua capacidade de imaginção, ia acontecer a Aedan. Viveria ou morreria a criatura gelada, inumana em que ele havia se transformado? Se transformaria em algo pior ainda?

- Oh Aedan, - Disse ela, as palavras entalaram na garganta. Expressou todo o seu amor, seu desejo e seu medo nesse nome.

- Eu sou Vingança - Grunhiu ele. – Quando aceitará isso?

Quando ele girou e saiu garbosamente do quarto, Jane sentou durante um longo tempo, olhando ao redor, examinando tudo de novo, se perguntando como pudera pensar sequer por um momento que estivesse sonhando. A razão pela qual tudo parecía tão real era porque era real. Ela se estendeu na cama e olhou tristemente ao teto com teias de aranha através das trémulas e silenciosas lágrimas. – Não te perderei, Aedan – Sussurrou.

Horas mais tarde, Vingança estava ao pé da cama, observando ela dormir. Tinha dormido um momento com um sono agitado no chão do corredor e tinha despertado sumamente inquieto. Seu descanso não havia sido do tipo que tinha conhecido em Fairy, um estado aguçado, quase consciente da curta duração. Não, tinha caído em um esquecimento profundo muito mais longo que de costume, e sua mente adormecida tinha continuado sua estranha viagem. Porém ao despertar, sua recordação daqueles lugares tinham se dissolvido com a rapidez de uma bolha, o deixando com a inoportuna sensação de que havia esquecido algo importante.

Preocupado, a procurou. Estava deitada de costas, o vestido rosado enredado em suas coxas, madeixas de fios ardentes sobre a sua face. O gatinho com o qual parecía tão extranhamente afeiçoada e que parecía muito fibroso para ser gostoso assado, que tampouco era útil para algum trabalho, e que portanto ele não entendía o interesse dela, também estava deitado sobre as costas e tinha tido êxito em se meter entre as mechas de cabelo.

Suas pequenas garras se ondearam e se desenroscaram enquanto emitia um som muito extranho. Um puco de baba escapou de seus finos lábios rosados.

Cautelosamente Vingança se sentou na cama. A moça se remexeu e espixou porém não despertou. O gatinho se enrolou em um círculo e ronronou mais forte.

Cuidadosamente, Vingança levantou um fio de cabelo e o segurou entre os dedos. Brilhou a luz da lua, todos os matizes de uma chama: dourado, cobre e bronze. Não era parecido com nada que tivesse visto antes. Tinha mais cores nessa mecha de cabelo que na totalidade de seu mundo e até além.

Alisou o fio entre seu polegar e o indicador.

O gatinho abriu um olho dourado e olhou fixamente a mão escura de Vingança.

Não escapou, refletiu, o que confirmava que não era uma fada; porque se soubesse que os gatos aborreciam as fadas. Por outro lado, o gatinho não tentou tocá-lo, pelo que supôs que também não era humano, por isso a coisa seguramente se arremessava para a moça em cada oportunidade.

- Então, quem sou eu?

Deslizando sua mão por baixo das mechas, deu um rápido olhar para ela. Porém seus olhos estavam fechados, seus lábios ligeiramente separados. Seus seios subindo e descendo suavemente.

Duas mãos.

Se sentía. Tão.... Bem.

Indubitavelmente tinha algo que o comovia neste lugar. Inclusive o gatinho parecía gostar dele. E ela, ah! Ela o tocava, todo ele. Acariciava a pequena besta, acariciava o cobertor aveludado que tinha trazido de Kyleakin, e o teria tocado uma dezena de vezes ou mais, ele tinha visto em seus olhos. Me beije, tinha dito ela, e esteve a ponto de estreitá-la em seus braços, intrigado por esta "pressão dos lábios" que havia descrito. O simples pensamento de tocar essa tepidez fez coisas alarmantes em seu corpo. Tentativamente, tocou com a ponta de seu dedo indicador a face dela, e depois retirou.

O gatinho enterrou seu nariz rosado na cabeleira. Depois de um momento, Vingança também o fez, e apoiou ligeiramente a face contra o cabelo, absorvendo a sensação em sua pele.

Por que o obedece? É tão bom para você?

Vingança tentou considerar esse pensamento. Seu rei era… Bem, seu rei. Que direito tinha Vingança de questionar se seu rei era bom para ele? Esse não era seu trabalho.

Por que não? Pela primeira vez em séculos, livre da coação constante dos feitiços escuros do Rei, um pensamento independente brotou e derrubou uma grossa parede em sua mente. Não tinha idéia de onde tinha vindo tal pensamento blasfemico, mas chegou, e desafiou seus esforços por expulsá-lo. Uma dor rasgava sua cabeça atrás dos olhos. Uma pressão insuportável se apoderou de suas têmporas, e ele tampou os ouvidos com as mãos para silenciar as vozes que só ele podia ouvir.

Aedan, vêem rápido, tenho algo que te mostrar. Da me trouxe um bebê marta! A voz de uma moça, uma moça que uma vez havia sido muito importante para ele. Uma menina de oito anos aproximadamente, por quem se preocupou e tinha tentado proteger. *Mary, ela estará bem com o mascote*, *disse a voz de um homem*.

Mas vamos sair para navegar pela manhã, protestou Mary. Poderia feri-la emacucá-la sem querer.

Aedan tem habilidade para tratar as criaturas pequenas, e ele cuidará de sua irmã.

–Aedan – Sussurrou, provando o som em sua língua –Vingança – Murmurou depois de um momento.

Nenhum nome lhe convinha mais, encaixava como a pele sobre os ossos. Em nenhum lugar onde tinha estado, nem na terra de gelo, nem nesta ilha, sentia-se como essas botas bem usadas, acostumadas e bem cômodas no pé.

Sentiu o impulso feroz de modelar a forma de seu próprio corpo, parecia tão estranho e mau formado de repente. Na terra de seu rei sabia quem era e para que propósito servia. Mas aqui, Och!, aqui, não sabia nada.

Nada mais que dor submersa em sua cabeça e desejos em lugares profundos de sua virilha.

Com cautela, olhou as curvas pálidas das pernas mostradas pela prega do vestido. Quão suave se via… Quão morna.

Fechou os olhos com força, visualizando sua querida casa com seu Rei.

Vocês são o novo Lord e Lady de Dun Haakon? Perguntou o comerciante com vivacidade em sua mente, apagando a imagem calmante de gelo e sombra.

– Não, – sussurrou. –Sou Vingança.

Capítulo 6

Vingança inalou um forte suspiro. O velho tinha destampado um retrato de uma moça de cabelo escuro sentada entre um homem e uma mulher. O homem se parecia arrepiantemente com ele. A mulher era uma beleza com espessas e loiras tranças. Mas a pequena moça

– Oh!, tão somente contemplá-la o encheu de dor. Fechou os olhos, sua respiração ficou repentinamente rápida e superficial.

Mas você não me pode me deixar, Aedan! Mamãe e papai vão sair para navegar e eu não posso suportar ficar sozinha! Não, Aedan, não me deixe! Tenho o terrível pressentimento que não retornará!

Mas este Aedan, quem quer que fosse ele, tinha tido que ir. Não tinha tido nenhuma opção.

Vingança se perguntava quem eram o homem e a menina e como sabia deles. Mas tais pensamentos produziam dor em sua cabeça assim os afastou de sua mente. Não era nada de sua incumbência.

– É Findanus e Saucy Mary, com sua filha, Rose – informou o velho homem.

–Prometeram, faz séculos, que embora a proteção tenha sido abandonada, um dia um MacKinnon retornaria, a aldeia prosperaria e o castelo voltaria a estar cheio pelo clã outra vez.

–Não sou um MacKinnon – Expressou Vingança com um grunhido.

O velho descobriu ainda outro retrato de três homens cavalgando para uma batalha. Apesar de si mesmo, Vingança se viu obrigado a reconhecer que sua semelhança com eles era surpreendente.

– São Duncan, Robert, e Niles MacKinnon. Os irmãos morreram lutando por Robert Bruce faz mais de um século. O cargo de Protetor esteve desocupado após. Os restantes dos MacKinnon se restabeleceram ao leste, no continente.

–Não sou parente deles – Apressou a negar Vingança rigidamente.

A moça que havia invadido seu castelo bufou. – Se parece com eles. Qualquer um pode ver a semelhança. Você é obviamente um MacKinnon.

–É uma estranha coincidência, nada mais.

Os aldeãos ficaam em silêncio durante um momento vigiando o velho para observar alguma pista. O velho o estudou durante alguns minutos, depois falou no mesmo tom que se usava para domar um animal selvagem. – Viemos oferecer nossos serviços. Trouxemos comida, bebida, e materiais para reconstruir. Viremos cada manhã ao amanhecer e ficaremos como seus serventes até o crepúsculo. Rezamos para que escolha ficar conosco. Esta claro que você e um guerreiro e um líder. Não importa com que nome se apresente, teríamos o prazer de nomeá-lo nosso Lord.

Vingança sentiu uma peculiar impotência elevar-se sobre ele. O homem dizia que fosse ou não um MacKinnon, necessitavam um protetor e queriam a ele.

Sentiu um simultâneo desdém, um sentimento de que ele estava por cima de tudo, ainda assim… Uma pequena maré de prazer. Desejou colocá-los para fora, expulsar os aldeãos, obrigar à mulher a partir, mas não estando a par do propósito de seu Rei ao enviá-lo ali, não podia, por temor a estragar o plano deste.

Era possível que seu Rei esperasse que se submetesse a umas duas semanas de atividades mortais para provar que tão estoicamente poderia resistir e demonstrar que tão bem se desempenharia ele entre eles no futuro. Estava também a possibilidade de que como era o emissário de seu Rei no reino mortal, podia necessitar em um futuro este

castelo, e seu Rei pretendia que os aldeãos o reconstruam. Negou com a cabeça, incapaz de analisar porque tinha sido abandonado sem nenhuma indicação.

– Oh, que encantadores por oferecer-se! – exclamou a moça. – Que amáveis são todos vocês! Estaríamos encantados com sua ajuda. A propósito, sou Jane – Informou ao velho, estreitando sua mão e sorrinndo –Jane Sillee.

Vingança deixou a torre sem dizer outra palavra. Jane. O nome se repetiu em sua mente. Chamava-se Jane. –Jane Sillee – Sussurrou. Gostou do som de seu nome em seus lábios

Sua cabeça começou a palpitar outra vez.

– O que aflige a ele, milady? – Elias, o velho da aldeia, pergunto depois que Aedan partiu e as apresentações tinham sido feitas em geral.

–Sofreu uma queda e teve um golpe severo na cabeça, – Mentiu ela descaradamente. Pode passar certo tempo antes de que ele seja o mesmo outra vez. Sua memória sofreu, e está inseguro de muitas coisas.

– É este um dos MacKinnon que tem sua propriedade no leste? – pergunto Elias.

Jane confirmou, arrependendo-se da mentira mas julgando-a necessária.

– Certamente tinha razão, não há nenhum engano em sua aparência –Disse Elias. – Da batalha de Bannockburn, deixaram a ilha desatendida, ocupados com suas propriedades no continente. Durante muito tempo rezamos para que enviassem um de seus parentes para nos proteger, que resida na ilha de novo.

–E aqui o têm, mas ele foi ferido em sua volta aqui e devemos o ajudar a recordar – disse Jane, aproveitando a oportunidade oferecida, agradecendo que agora houvesse outros conspiradores.

–Toquem-no freqüentemente, embora possa parecer que o incomode – Disse a eles – Acredito que ajuda. E traga de visita as crianças– Disse, recordando como em seus sonhos Aedan tinha adorado as crianças – Quantos mais melhor. Talvez possam brincar no pátio enquanto trabalhamos.

– Nós? Você não precisa trabalhar como um servo, milady – exclamou uma moça.

–Me proponho ser parte da reconstrução de nosso lar – Disse firmemente Jane. Nosso lar! – Como gostava do som disso! A agradou ver uma centelha de apreço nos olhos das mulheres. Houve várias sacudidas de cabeça de aprovação.

–Também, ouvi em alguma parte que os cheiros familiares podem ajudar a devolver a memória, assim se não se importam poderiam me ensinar a assar algumas coisas que acham que podem ser do gosto dele, estaria muito agradecida a vocês. Temo que não sou a melhor cozinheira –Admitiu. – Mas estou ansiosa por aprender.

Mais inclinações de cabeça aprovatorias.

Jane resplandecia. Seu sermão da manhã realmente ajudou: hoje estava sendo um agradável dia depois de tudo.

Capítulo 7

E entraram em uma rotina com a que Jane estava contente, apesar da insistência persistente de Aedan de que ele não era um MacKinnon. Os dias passaram voando, muito rápido para o gosto de Jane, mas estavam fazendo pequenos progressos tanto no estado do castelo como com o homem taciturno e reflexivo que se chamava deste modo Vingança. Cada dia, Jane se sentia mais em casa em Dun Haakon, mais em casa! até estando no século quinze.

Conforme o prometido, cada manhã ao amanhecer, os aldeãos chegavam cheios de energia. Eram trabalhadores duros, e embora os homens partiam pela última hora da tarde para atender suas pequenas terras, as mulheres e os meninos permaneciam, trabalhando alegremente ao lado de Jane. Varreram e esfregaram os pisos; tiraram as teias de aranha; poliram as velhas taças e pratos de louça, candelabros, e abajures de óleo; e arrumaram as tapeçarias, pendurando-as com cuidado. Repararam e engorduraram os móveis que ficavam armazenados debaixo de panos saturados com o pó de décadas.

Em pouco tempo, o grande salão luzia uma brilhante mesa de cor loiro mel e uma dúzia de cadeiras. A única cama (com muitas risadas nervosas por parte das mulheres) tinha sido

coberta pródigamente com os travesseiros mais cheios e os tecidos mais suaves que a aldeia tinha para oferecer. Os escudos reluziam de novo nas paredes de pedra, exibiram-se os faiscantes abajures de óleo com os feltros gordurentos, cerosos. As mulheres costuravam almofadas para as cadeiras de madeira e pacotes de ervas para as vigas.

A cozinha tinha caido na ruína completa pelas décadas, e levaria um certo tempo reconstrui-la. Depois de muito pensar, Jane decidiu que não era muito perigoso sugerir a construção de alguns tubos de água que vindo de um manancial de água doce que corria atrás do castelo chegasse a um deposito grande de água que construiriam sobre uma das lareiras, garantindo a água quente em um momento. Ela também esboçou os planos para os mostradores e os armários e para um bloco de açougueiro localizado no centro.

Enquanto isso, Jane aprendia a cozinhar no fogo do grande salão. Cada tarde as mulheres ensinavam um novo prato. Infelizmente, cada tarde, ela o comia com um homem que recusava comer tudo menos pão duro, não importava como o tentasse.

Passadas as horas crepusculares, Jane escrevia afanosamente diante do fogo, às vezes tomando notas, outras trabalhando em seu manuscrito, todo o momento dando uma olhada de soslaio a Aedan por cima de seus papéis e escrevendo o futuro que esperava que tivessem juntos. Gostava do ritual laborioso de usar a pena e a tinta, as chamas no lar aberto que lambia com seu calor as sapatilhas e seus dedos do pé, o murmúrio dos grilos e o suave ulular dos mochos. Desfrutava completamente a ausência dos chiados de pneuos, dos alarmes de automóveis soando, e o vôo de aviões em cima de sua cabeça. Em toda sua vida, nunca tinha experimentado um silêncio tão absolutamente impressionante.

Antes do final da primeira semana de renovações, ela começou a ter esperanças sobre o silêncio desconcertante de Aedan. Embora não falava com ela, dia a dia, participava um poquinho mais nas reparações da propriedade. E dia a dia, parecia um pouco menos severo. Via em seu olhar desdém e aversão mas também confusão e… Incerteza? Como se não entendesse seu lugar e como encaixava no magnífico esquema de coisas.

Jane se propôs usar seu mês tão sabiamente como fosse possível. Tinha aprendido, em seus cursos de psicologia no Purdue, que atacar a amnésia diretamente podia conduzir à pessoa que padecia mais profundamente dentro da negação, inclusive induzir a um estado catatónico. Depois de muito pensar, decidiu não pressionar Aedan durante duas semanas, para que se aclimatasse a seu novo ambiente. Duas semanas de silêncio sociável e de não tocá-lo como desejava fazer, apesar da miséria de estar com ele sendo proibido demonstrar seu amor e afeto.

Depois dessas duas semanas, ela se prometeu que a sedução começaria. Não mais de banhos em Kyleakin em um dos lares das mulheres da aldeia. Ela começaria a banhar-se diante do fogo no salão. Não mais vestidos sérios de noite. Usaria blusas mais baixas e pregas mais altas.

E assim, Jane esperou seu tempo, abraçada com Sexpot na luxuosa cama, sonhando com sua rouca voz que prometia tais prazeres sensuais que faria com que qualquer moça encolhessem os dedos dos pés, sonhando com a noite que estaria a seu lado e pudesse pronunciar seu nome, Aedan.

Aedan estava parado nas soleiras recentemente reparadas do castelo estirando os braços sobre sua cabeça, aliviando a tensão que sentia nas costas. O céu da noite estava sulcado de púrpura, as estrelas cintilavam sobre as copas das árvores e uma lua crescente chapeava a grama. Cada músculo em seu corpo doía de carregar pedras pesadas de uma pedreira próxima ao castelo.

Embora houvesse aprendido a evitar a dor na terra das sombras, estas dores de agora produziam uma sensação extranhamente agradável em seu corpo. Tinha recusado participar das reparações no princípio, mantendo-se em uma censura silenciosa e distante, mas para sua grande surpresa, quando havia visto os homens da aldeia trabalhando, tinha começado a desejar levantar, levar e remendar. As mãos picavam por ficar sujas, e sua mente havia estado impaciente por desenhar as partes trabalhadas ineficazmente e reconstruir os lugares perigosos.

Considerando os três comandos que seu Rei havia dado, tinha chegado à conclusão que não havia nada que evitar e que o tempo passa mais rapidamente trabalhando.

Quando ao terceiro dia se reuniu silenciosamente com os homens, tinham trabalhado com o dobro de energia e tinham sorrido e tinham brincado com mais freqüência. Pediram sua opinião sobre muitas coisas, fazendo-o descobrir, com uma certa surpresa, que tinha opiniões, e que, além disso, pareciam considerá-lo. Aceitaram-no com o mínimo alvoroço, embora o tocavam com freqüência desconcertante, batendo em seu ombro ou com um toque em seu braço.

Porque não eram fêmeas, considerou-o aceitável.

Quando faziam alguma pergunta ocasional, evadia-se. Fez caso omisso da moça que obstinadamente permanecia no castelo, partindo somente para vagar pela aldeia, de onde retornava limpa e levemente úmida.

E com um aroma refresgante. E um morno, suave e doce olhar.

Às vezes, simplesmente esse olhar o machucava por dentro.

Vingança sacudiu a cabeça, como se dessa maneira pudesse sacudir os pensamentos de seu cérebro. Com cada dia que passava, as coisas pareciam diferentes. O céu parecia muito brilhante para contemplá-lo, o ar, também, muito quente para respirar. Tinha começado a antecipar o trabalho de cada dia, porque ao anoitecer podia parar e olhar tudo, a parede recentemente escorada, degraus recolocados, um teto reparado, uma lareira interior redesenhada e saber que era sua obra. Gostou do sentimento de trabalhar e lamentou que seu Rei podia considerá-lo um defeito em seu caráter, inadequado em um ser exaltado.

E cada dia, quando seus pensamentos voltavam para seu Rei, eram freqüentemente pensamentos ressentidos. Seu Rei bem podia ter se incomodado em o informar de seu objetivo em Haakon Dun, mas as pessoas estavam mais que dispostas a lhe oferecer um amplo objetivo.

Objetivo sem dor.

Sem nenhuma dor absolutamente

Tinha um pensamento blasfemico que tomou por surpresa e lhe causou uma dor de cabeça de proporções épicas que palpitou quase toda a noite: Perguntava se não era possível que seu rei simplesmente o esquecesse.

Capítulo 8

Rapidamente um pensamento blasfemico engendrou outro, o seguinte mais blasfemico que o anterior, fazendo com o anterior parecesse quase inofensivo. Rapidamente os pensamentos traiçoeiros se manifestaram em uma ação traidora.

Foi na tarde do décimo primeiro dia de seu exílio, quando ela estava pondo a comida sobre a larga mesa do grande salão, que Vingança começou a cair em desgraça.

Tinha trabalhado arduamente esse dia, e mais de uma vez seu aperto tinha escorregado sobre uma pedra pesada. Fomentando sua inquietação, os meninos pequenos do povoado tinham brincado no prado dianteiro toda a tarde. O som de suas altas vozes transbordantes de risada, quando perseguiam uma bola feita com uma bexiga a bordo do fluxo ou tiravam o sarro da pequena besta peluda com fios de lã, tinha reverberado dolorosamente dentro de seu crânio.

Agora, estava sentado em um canto, longe da lareira, mastigando com desalento o pão duro. Anteriormente tinha estado comendo fatia atrás de fatia de pão, seu corpo estava faminto pelo trabalho do dia. Mas, sem importar quanto pão consumisse, continuava perdendo massa e músculo e se sentia letárgico e fraco. Sabia muito bem por que seu aperto tinha falhado hoje.

Ultimamente, quando ela estendia na mesa seu ricos e saborosos mantimentos, seu estômago protestava, e nas tardes anteriores, tinha deixado o castelo e tinha caminhado ao ar livre para evitar a tentação.

Mas recentemente, na verdade só esta manhã, havi estado pensando por longo tempo e com força sobre a observação de seu Rei concernente ao sustento e tinha esquadrinhado as palavras exatas de sua ordem.

Deve comer, mas eu sugeriria que procurasse só mantimentos leves.

Eu sugeriria.

Era a mais nebulosa frase que seu Senhor havia pronunciado alguma vez. Eu sugeriria. Essa não era a forma como ele falava com Vingança. Isto o fez pensar que o Rei pudesse estar…Inseguro de si mesmo, relutante, por alguma razão insondável, a emitir uma ordem. E Leve. Quão vago era Leve? Aquela palavra era um convite a ser interpretada abertamente.

Depois de muito meditar, Vingança concluiu por si mesmo, algo que era escandalosamente mais fácil cada dia, que aparentemente seu Rei tinha sofrido alguma incerteza quanto a quão duro Vingança devia trabalhar, sendo incapaz de prever que sustento seu corpo requereria. Assim, ele havia, "sugerido", deixando o assunto a discrição de Vingança. Como seu Rei havia posto tal confiança nele, Vingança resolveu que não devia voltar para ele com seu corpo debilitado e arriscar-se a incitar sua insatisfação.

Quando se levantou e se reuniu com ela na mesa, seus olhos se abriram com desconcerto.

–Jantarei com você esta noite – Informou, olhando-a diretamente. Não, comendo-lhe com os olhos. O aroma sedutor de leitão assado machucava seu nariz; os gloriosos matizes de arco íris do ardente cabelo de Jane vestida com um vestido esmeralda machucaram algo que não podia mencionar.

– Nenhum pão? –Ela pode dizer logo depois de uma pausa de incredulidade.

–Não é suficiente para me sustentar durante os trabalhos diários.

–Entendi – Disse ela com cuidado, e se apressou a pôr outro prato.

Vingança olhava a comida com grande interesse. Serviu generosas porções de porco assado banhado em suco e polido com um molho de gelatina, batatas assadas e creme coalhado com cebolinhas, algum tipo de mistura de vegetais em outro molho diferente, e tiras finas de salmão picado. Como toque final, acrescentou algumas colheradas de um pudim parecido à manteiga.

Quando ela pôs o prato de comida diante dele, ele continuava olhando a comida, sabendo que ainda não tinha ido muito longe. Ainda podia levantar-se e voltar para seu canto, e seu pão.

Eu sugeriria.

Olhou a ela insistentemente. Tinha uma colher em sua boca e estava lambendo deste creme coalhado. Isso era tudo, comeria. Caiu sobre a comida como uma besta voraz, comendo com suas mãos nuas, empurrando a suculenta, deliciosamente gordurenta carne de porco em sua boca, tirando a tenra carne dos ossos com seus dentes e língua.

Cristo, era divino! Rico e suculento e quente.

Jane o olhava, assombrada. Tomou menos de três minutos devorar cada bocado que ela tinha colocado em seu prato. Seus olhos verde mar eram selvagens, sua boca sensual brilhando com os sucos do assado, suas mãos, oh, Deus, ele começou a lamber os dedos, seus firmes rosados lábios chupando, e a temperatura dela se elevou dez graus.

A alegria a invadiu. Embora ele nunca tivesse admitido que tinham ordenado comer só pão, ela o tinha percebido. Cada noite enquanto ela jantava, tinha dado olhadas furtivas, olhando-a comer, olhando a comida com desejo visível, e uma vez ou duas, ela havia ouvido seu estômago rugir.

–Mais –Ele estendeu o prato.

Felizmente, ela condescendeu. E uma terceira vez, até que ele se sentou para trás, suspirando.

Seus olhos eram diferentes, refletiu ela, observando-o. Havia algo novo neles, um bem-vindo desafio. Ela decidiu provar isto.

–Não acredito que deva comer nada salvo pão velho no futuro – Provocou-o.

–Comerei o que quIZER. E isto é não mais pão.

Os lábios dela doíam pelo esforço de suprimir um brilhante sorriso. –Não penso que seja sábio – empurrou ela.

– Comerei o que deseje! – grunhiu ele.

Oh, Aedan, pensou Jane com amor, lutando com uma névoa de alegres lágrimas, bem feito. Uma diminuta greta na fachada, e ela não tinha dúvidas que um homem com a força e independência de Aedan começaria a rompê-la a uma velocidade alarmante agora que havia começado.

–Se você insistir – disse ela Suavemente.

–Insisto – Grunhiu ele. – E me passe esse vinho. E traz outra garrafa. Sinto que tenho uma sede profunda – Séculos de sede. Por algo muito mais que vinho.

Aedan não podia saciar o prazer de comer. Os tomates esquentados ao sol, o jovem grão novo, doce, molhado com manteiga recém feita, assado enfeitado com alho, maçãs assadas em bolo especial coberto delicadamente com canela e mel. Havia tantas sensações novas e intrigantes! A fragrância do urze na brisa de outono, o lamber salgado e rítmico do oceano quando nadava nele para banhar-se cada tarde, o roce do linho suave contra sua pele. Uma vez, estando sozinho no castelo, tirou a roupa e se estirou nu sobre a colcha de veludo. Pressionou seu corpo com suaves movimentos. Considerando ficar ali com ela, mas então o cobertor tinha provocado uma erupção que fez que a parte de entre suas pernas se inchasse. Rapidamente tinha se vestido outra vez e não tinha repetido aquele desenfreio. Infelizmente, a erupção se prolongou, manifestando-se a estranhos intervalos.

Também havia sensações desagradáveis: dormia sobre o piso duro, frio enquanto ela se aconchegava comodamente na cama aconchegada com a pequena besta. A tensão de olhar os tornozelos e as panturrilhas da moça quando ela passeava. A enfermidade que sentiu em seu estômago quando viu a suave elevação de seus seios em seu vestido.

E havia visto muito mais que isso, ontem, quando a audaz empregada pôs uma tina pesada diante o fogo e a encheu com cubos de fumegante água e orvalhando-a depois com ervas.

Não compreendeu o que ela fazia até que estava tão nua e atraente, como quando tinha chegado ao castelo uma quinzena atrás, e depois ficou muito tolo para se mover.

Sentindo-se extranhamente tonto, finalmente tinha agido inteligentemente e havia escapado do salão, açoitado pelo suave riso zombador da moça. Guerreou consigo mesmo no balcão recém construido, só para voltar um quarto de hora mais tarde e olhá-la das sombras da entrada onde ela não podia vê-lo. Tragando com força, procurando reduzir sua respiração e parar o trovejar do sangue em suas veias, tinha-a visto ensaboando e enxaguando cada polegada de seu corpo.

Suas mãos tremiam e seu corpo doía em partes estranhas, fechou os olhos, mas as imagens gravaram em seu cérebro. Treze dias mais, disse a si mesmo. Menos de uma quinzena ficava para voltar com seu Rei.

Mas com cada dia que passava, sua curiosidade aumentava. O que pensava ela quando se sentava em frente ao lar olhando as chamas? Por que não tinha nenhum homem quando as outras mulheres do povoado tinham? Por que o olhava com essa expressão em seu rosto? O que tanto escrevia nos pergaminhos? Por que queria que a tocasse? O que sairia disso, devia ele obedecer?

E depois a pergunta mais premente de todas, porque seus pensamentos se voltavam menos freqüentemente a seu Rei e mais freqüentemente a aquela dor estranha entre suas pernas ou a dor oca atrás de seu peito:

Quanto tempo seria capaz de resistir antes de descobri-lo?

Capítulo 9

– O que está escrevendo?– perguntou em forma casual Aedan, seu tom implicando que não se importava o que respondesse, ou inclusive se não o fazia.

Embora seu coração saltou, Jane fingiu ignorá-lo. Eles estavam sentados em cadeiras postas em ângulo perto da lareira no grande salão; ela aconchegada perto de uma mesa e três brilhantes abajures de óleo, ele virtualmente metido no resplendor da lareira. Tinha estado olhando-a às escondidas através do espaço de quase dois metros durante mais de uma hora, e sua pergunta era a primeira direta que ele fazia desde sua chegada a Dun Haakon que não concernia a assuntos do castelo. Escondendo um sorriso, ela continuou escrevendo como se não o tivesse ouvido: *" Levantou-se da cadeira tão repentinamente que esta caiu, explodindo contra o piso. Seus olhos aguamarinas resplandeciam de desejo, tirou-lhe o maço de folhas das mãos e as lançou a um lado. Elevou-se sobre ela, seu olhar profundo, intenso parecia afundar em sua alma. – Esqueça estes papéis. Esqueça minha pergunta. Quero-te, Jane – Disse bruscamente. – Necessito-te. Agora.– Começou a se despir,*

desatando sua camisa de linho, puxando-a sobre sua cabeça. Pressionou os lábios com um dedo quando ela tentou falar. – Silêncio, moça. Não me regeite. É inútil. Te terei esta noite. É minha, e só minha, para sempre, e ainda no dia seguinte.

– Por que outro dia?– Sussurrou contra seu dedo, seu coração pulsando acelerado pelo nervosismo e espera. Ela nunca tinha estado com um homem antes, só havia sonhado com isso. E cada centímetro do Highlander escuro que estava diante ela era um sonho que tinha ganahado vida.

Ele dirigiu um sorriso sedutor quando desenredou seu plaid e o deixou escorregar por suas nádegas tensas e seus magros e musculosos quadris. Posando suas mãos sobre os braços de sua cadeira, baixou sua cabeça para a dela. – Porque inclusive a eternidade com você não será suficiente para me satisfazer, doce Jane. Sou um homem ávido e exigente".

–Perguntei o que está escrevendo – Sua voz era firme.

"Seu duro corpo brilhava como bronze à luz brilhante de dúzias de abajures de óleo – Não posso resistir a você, moça. Deus sabe que tente, – Gemeu ele, sua voz baixa e tensa pela necessidade. – Penso em você dia e noite, não posso dormir por te desejar. Esta é uma loucura que temo nunca diminuirá".

Jane tragou um suspiro sonhador e fez uma pausa, pôs o cálamo sobre o papel e arqueou uma sobrancelha, aparentemente tranqüila enquanto se derretia por dentro. Os olhos dele cintilavam em seu rosto escuro, se acomodou e esticou na cadeira, como se pensasse saltar em qualquer momento. E saltar sobre ela. Ah, se tão somente o fizesse!

– Por que se preocupa? –Disse ela dando os ombros, tentando parecer despreocupada. Estava farta de ser paciente. Sabia que a presença dos aldeões, trabalhar com suas mãos sobre o que havia sido sua casa uma vez e sua espionagem noturna sobre ela no banheiro estava começando a fazer efeito em sua atenção. Ela tinha sido sábia ao tomar um papel passivo durante as duas semanas anteriores, mas era hora de ser mais ativa. Tinha doze dias, e ela não ia perde-lo.

– Você não faz nada sem um propósito – Disse rigidamente. – Simplesmente desejo conhecer o propósito que te leva a praticar em suas cartas tão fielmente cada tarde.

Jane pressionou novamente sua pluma no pergaminho:

"Ele a tirou da cadeira, esmagando seu corpo contra a dura longitude do dele. Olhando-a ardentemente nos olhos, deliberadamente balançou seus quadris para frente assim ela podia sentir a enorme necessidade de seu membro. Duro e quente, sua ereção impressionante palpitava, pressionando através da fina seda de seu vestido…"

Jane exalou de pura frustração sexual, escrevendo cenas de amor que seguramente podiam ser uma completa tortura para uma moça que não tinha seu próprio homem, e colocou o cálamo a um lado. Sexpot saltou prontamente à pequena mesa lateral e atacou a pluma, sacudindo-a violentamente. Resgatando a pena antes que o gatinho a despedaçasse, ela vacilou antes de responder. Sabia que um passo em falso inadvertido podia devolvê-lo a sua rígida concha. Tinha deixado claro que nunca lhe permitiria tocá-lo e tinha que encontrar um modo de enrolá-lo para que a tocasse.

–Não estou praticando minhas cartas. Escrevo histórias.

– Que tipo de histórias?

Jane o olhou com avidez. Estava tão condenadamente sexy sentado ali. Só ontem tinha começado a levar um plaid com desenho xadrez pela primeira vez desde sua chegada, dizendo que era mais fresco para trabalhar. E ali estava, sentado, parecendo-se com seu Aedan, vestido de vermelho e preto e sem camisa. A parte superior de seu corpo reluzindo com um fracol brilho de suor produzido por estar tão perto do fogo como fosse possível.

–Você não entenderia nada disso – Disse ela com serenidade.

– Entender o que? – Disse ele com ira. – Eu entendo muitas coisas.

–Você não entenderia o que estou escrevendo – Retrucou ela – Porque escrevo a respeito de coisas humanas, coisas que você talvez não pode entender. Recorda, você não é humano. – Pressionou e acrescentou docemente – A propósito, descobriu já o que é na realidade?

– Isso! pensou ela com ar de suficiência, ele a olhava enfurecido. Seu Aedan era um homem orgulhoso e não gostava de ser menosprezado. Durante a semana passada havia começado a mostrar ressentimento para tudo o que parecesse uma ordem direta, o que a agradava e a fez suspeitar que desafiaria rotundamente qualquer ordem que lhe desse.

Raiva e confusão guerreavam atrás de seus olhos.

– Estive trabalhando com outros humanos e você não sabe o que posso ou não posso entender.

–Nunca as minhas histórias – Disse ela severamente. –São particulares. Não são de sua incumbência, Aedan.

–Enquanto for o Lord deste castelo, tudo é de meu…– Deixou de falar com uma expressão afligida.

–Lord deste castelo?–Repetiu ela, procurando seu olhar. Nem sequer havia se incomodado em castigá-la por chamá-lo Aedan.

Olhou-a fixamente um longo momento, depois disse rigidamente, – Quis dizer que os aldeões pensam que o sou, então se deve viver aqui, no que eles pensam é meu castelo, você deveria estar de acordo com essa idéia, também. Ou encontra outro lugar onde viver, moça. Isto é tudo o que quis dizer – estalou os dedos, depois separou com ira de sua cadeira. Mas na entrada, deu a volta e deu uma olhada sobre seu ombro tão cheio de ânsia frustrada, tão cheio de desejo, que estremeceu sua espinha dorsal. Era fácil ver que começava a sentir todas as coisas que uma vez havia sentido, mas não as podia entender.

Muito mais tarde, Jane pôs seus papéis sob um braço e Sexpot no outro. Ela sabia exatamente sobre qual cena do manuscrito trabalharia para depois inadvertidamente deixá-lo por aí na manhã seguinte.

Capítulo 10

"A primeira vez ele a beijou lentamente, movendo seus lábios ligeiramente para frente e para trás, criando uma deliciosa fricção sensual, até que os lábios dela se separaram, cedendo completamente. O segundo, mais profundo, ainda mais íntimo, e o terceiro tão possessivo que a deixou tonta. Sua língua sedosa enredou na sua. Ele encaixou sua boca tão completamente sobre a sua que ela mal poderia respirar. Se um beijo pudesse falar, estaria ronronando, – você é minha para sempre.

Beijos subseqüentes se misturaram, molhados e quentes e embriagadores, um no outro até que a cabeça dela rodou. Ela tremeu, queimando-se com o calor que a fazia arder de desejo.

Ela choramingou quando ele riscou a curva de sua mandíbula, desceu por seu pescoço até o topo de seu seio. Seu toque evocou uma mistura de lassidão e adrenalina que a fez se sentir forte e fraca ao mesmo tempo. Suave e flexível, quase perto da agressão. Quente, necessitado e doloroso.

Seus olhos verdes mar prometiam que ao fazer amor despiria muito mais que seu corpo. Com cuidado escorregando as mangas de seu vestido de seus ombros, ele despiu seus seios diante seu olhar faminto. O ar frio acoplado com a promessa fundida em seus olhos fez seus seios ficarem apertados e dolorosos. Quando baixou sua cabeça escura e capturou um mamilo ereto em sua boca, ela choramingou com prazer. Quando enterrou seu rosto entre seus seios, escorregando seu vestido sob seus quadris, ela pressionou sua feminilidade molhada se aderindo a ele.

Seus lábios chamuscaram sua pele sensível. Ele dispersou beijos leves através de sua barriga, beliscando e mordiscando, caindo logo depois de joelhos diante ela.

Ela mal poderia estar em pé, seus joelhos já fracos pelo desejo, e quando sua língua quente pressionou sua carne mais quente, lambendo docemente seus sucos de paixão, seu calor mais privado, ela quase gritou pelo delicioso disso".

Jane estava em pé na entrada do grande salão olhando Aedan, um sorriso curvava seus lábios. Quinze minutos atrás, havia informado que ia tirar uma curta sesta antes de começar com os preparativos da comida da tarde. Se retirou para o quartoo, abandonando convenientemente umas páginas de seu manuscrito ao lado da lareira, como se as tivesse esquecido.

Aedan tinha assentido despreocupadamente, mas o olhar que havia dirigido ao pergaminho o tinha traído. Pouco depois de retirar para oquarto, ela voltou para o salão. Estava em pé perto do fogo, lendo tão atentamente que nem sequer a notou parada nas

sombras da entrada de pedra, observou como seus olhos se estreitavam e sua mão apertava o pergaminho. Depois de alguns minutos, molhou seus lábios e secou as gotas de suor de sua testa com o dorso da mão.

– Sinto-me bastante descansada agora – Anunciou ela, cruzando com passo enérgico o corredor– Hey!! – Gritou, fingindo indignação por sua curiosidade. – Esses papéis são meus! Disse que não os lesse!

Ele levantou a cabeça. Seus olhos estavam escuros como a noite, suas pupilas estavam dilatadas e o peito subia e descia como se tivesse corrido uma maratona.

Sacudiu os pergaminhos na sua cara. – O que são estes… Estes ganchos de ferro…? – perguntou Vingança com uma voz que deveria ter sido firme, mas que saiu soando rouca. Sentia o peito apertado, essa parte entre suas pernas pesada… Och!, Cristo! Doía! De maneira dissimulada, deu umas batidinhas através do tecido de sua saia escocesa para acalmá-la, esperando que a dor diminuísse, mas tocá-lo só piorou. Horrorizado, tirou a mão e a olhou furioso. Ela pareceu achar o gesto fascinante.

Jane se aproximou e tentou tirar os papéis de suas mãos, mas ele os segurou em cima da cabeça.

–Somente me devolve isso–Bufou.

–Acredito que não – Grunhiu ele. Estava em pé olhando-a, o queixo, o pescoço. Seus seios – Este homem de quem escreve – Disse tensamente – Tem o cabelo negro e os olhos de minha cor.

– E? – disse ela, fazendo todo o possível por soar na defensiva.

–É sobre mim que você escreve – Acusou-a. Quando não fez nenhum intento para negá-lo, franziu o cenho. – Esta não é a maneira em que uma dama deveria escrever – Exclamou, perguntando-se o que sabia de damas quando nada sabia das humanas, salvo o que havia aprendido dela. Estudou-a, tentando pensar, coisa muito difícil com certas partes de seu corpo comportando-se de uma maneira tão estranha. Seu fôlego era muito breve e baixo, sua boca estava seca, seu coração palpitava. Se sentia intensamente vivo, todos seus sentidos estremecendo… Exigindo. Desejoso de tocar.

– Esta sua esfregação dos lábios te faz sentir… Como se um se… – Ele deu uma olhada nos papéis – Queimasse com o calor ardente do desejo? – Ele, que por muito tempo havia estado frio, ansiava sentir tal calor.

– Sim, se um homem for bom nisso – Disse ela com ares de superioridade. – Mas você não é um homem, recorda? Isto provavelmente não funcionaria com você – Acrescentou ela docemente.

– Isso você não sabe – Exclamou ele.

– Me acredite – O provocou ela – Duvido que tenha o material apropriado.

– Eu não sei qual é esse material apropriado seu, mas sei que estou formado como um homem – disse ele com indignação. –Eu me vejo como todos os aldeãos. – Pensou seriamente durante um momento. – Na verdade, acredito que estou melhor formado que a maioria deles – Acrescentou na defensiva. – Minhas pernas são mais poderosas – Disse, movendo seu plaid para mostrar uma coxa. – Vê? E meus ombros são mais largos. Sou mais alto e amplo, sem excesso de gordura. – Exibiu-se diante ela, e ela fez de tudo para não babar. Melhor formado? Sheesh! O homem podia levar as vendas da revista Playgirl diretamente até o teto!

– Como é, –Disse Jane, subtraindo uma das respostas mais irritantes de sua sobrinha adolescente Jessica, garantida para provocar, emitida em um tom que não implicava que nada do que ele pudesse dizer ou fazer poderia lhe interessar.

– Faria bem em não me menosprezar tão ligeiramente – Grunhiu ele.

Eles se olharam fixamente um ao outro por um longo e tenso momento, então ele voltou a dar uma olhada no pergaminho. – Independentemente de se sou humano ou não, está claro por suas escrituras que você deseja que eu te faça estas coisas. – Seu tom a desafiou a negá-lo.

Jane encoliu em seco. Deveria fingir que não? Deveria admiti-lo? Estava sobre terreno difícil, não estava segura se deveria empurrá-lo um poquinho mais longe. Estava muito perto de cair sobre ela como uma besta voraz; e Deus, como o desejava! Como coisa do destino, sua indecisão o provocou corretamente.

Como ela vacilou, mordiscando seu lábio inferior, algo que fazia freqüentemente quando pensava seriamente, o olhar dele se fixou ali. Seus olhos se estreitaram.

– Você realmente me deseja – Acusou ele. – Embora o negue rotundamente.

Ela assentiu.

– Por que? – Perguntou com voz rouca.

– Isto… er,… Faria-me feliz? – ela respondeu sem convicção, girando uma mecha de cabelo ao redor de seu dedo.

Ele assentiu, como se fosse uma boa desculpa. Depois de vacilar um momento grunhiu.

– Você deseja isto agora? Neste mesmo momento? Aqui? – Empunhou suas mãos, meio enrugando o pergaminho. Sua maldita voz se elevou e se quebrou outra vez como um jovem imaturo. Sentiu-se incomparavelmente tolo. E também… Como se confrontasse um momento do destino inevitável.

A garganta de Jane se apertou de desejo quando a olhou interrogativamente. Desejava-o tanto como precisava respirar e comer. Era imprescindível para o cuidado e a alimentação de sua alma. Ela assentiu, não confiando em si mesma para falar.

Vingança estava em pé imóvel, sua mente trabalhando a toda velocidade. Seu Rei havia ordenado que não permitisse que uma mulher o tocasse. Mas não havia dito que Vingança não podia tocar a uma fêmea humana. Também sentia por dentro, esta grande curiosidade roendo-o. Se perguntou se existiria tal coisa como "ardendo pelo calor do desejo" e se era assim, como se sentiria. – Se fizer isto, você não pode me tocar – Advertiu ele.

– Não posso te tocar? –Resmungou ela. – Isto é tão ridículo! Não se pergunta por que seu rei inventou essa regra idiota?

– Você fará como te digo. Farei esta coisa que tem escrito, só se jurar não me tocar.

– Bem, – disse ela. Tudo para conseguir que lhe pusesse as mãos em cima. Alegremente consentiria estar atada à cama, se fosse necessário. Hmmm…Pensamento intrigante, esse.

Quando ele deu um passo adiante, ela inclinou sua cabeça para trás e posou seu olhar completamente sobre ele.

Ele deu uma olhada rápida no pergaminho, como se o aprendesse de cor.

– Primeiro, devo esfregar meus lábios ligeiramente sobre os seu e você deve separá-los ligeiramente – Dirigiu ele.

– Penso que podemos toca-lo de ouvido – Disse ela, inclinando-se minuciosamente mais perto, rogando fervorosamente que não mudasse de idéia. Sentiu que podia queimar-se no momento que a tocasse, tanto era o tempo que havia ansiando sentir essas mãos sobre seu corpo.

Olhou de novo o pergaminho com um olhar de alarme e confusão. – Você não menciona nada sobre ouvidos em sua escritura. Devo fazer algo com seus ouvidos, também?

Jane quase choramingou de frustração. Tirou o pergaminho das suas mãos, e disse: – É uma maneira de falar, Aedan, quer dizer que o entenderemos à medida que vamos avançando. Somente começa. O fará bem, prometo.

– Somente tento descobrir se ambos conhecemos nas posições apropriadas – Disse rigidamente.

Ao inferno com o apropriado, pensou Jane, umedecendo seus lábios com sua língua e olhando-o diretamente com ânsia. A última coisa que ela queria era que fosse apropriado.

– Me toque – Animou-o ela.

Com cautela, ele se inclinou mais perto.

Jane se balançou para frente, atraída como um ímã ao aço. Ela não estaria satisfeita até que não se aderisse a ele como o plástico Saran®. Embora a proibisse tocá-lo, uma vez que a tocasse, certamente podia apertar-se contra ele.

Mas ainda, não se movia.

– Quer começar já, por favor?

– Não estou exatamente seguro de conhecer qual é seu "calor mais particular" – admitiu a contra gosto. O que me acpntece? perguntou-se. Cumprindo com sua demanda, ela não estava tocando-o, mas as pontas de seus seios quase esfregavam seu peito, poderia sentir o calor de seu corpo, e uma urgência alarmante que o alagava.

– Ajudarei-te a encontrá-lo, – Assegurou ela fervorosamente.

– É muito baixa, – Disse ele dando voltas.

Jane levou dois segundos para recuperar a pequena banqueta do lado da lareira, deixá-lo cair a seus pés, e parar sobre ela. Isto os deixou nariz com nariz, com alguns poucos centímetros de separação.

Olhou-o fixamente, seu coração pulsando estrondosamente.

E por sua vez ele a olhou fixamente, em silêncio.

Seus fôlegos se misturavam. O olhar dele ia de seus olhos a seus lábios. De volta a seus olhos, e depois a seus lábios outra vez. Ele molhou os lábios, olhando-a consciensiosamente.

Jane manteve suas mãos atrás das costas para não cair na tentação de tocá-lo, sabendo que o usaria como uma desculpa para partir. Era extremamente íntimo, tal proximidade sem tocar-se em realidade. E a forma que ele a olhava, com tanta paixão e fome crua!

Um pequeno som escapou dela. Ele respondeu igual, assustando-se por seu gemido involuntário. Jane apenas se atrevia a respirar, esperando que cortasse aquela última diminuta distancia. Sua escura e dura sexualidade, unida a sua inocência de como fazer amor era uma combinação irresistivelmente erótica. O homem era um amante perito, do qual não havia dúvidas, embora era como se esta fosse sua primeira vez, e cada toque seria um país não descoberto para ele.

Ela cedeu um quarto de polegada, e ele a encontrou na metade do caminho.

Seus lábios tocaram os dela.

Deus, eram frios! pensou, atordoada. Gelado.

Deus, ela era quente! pensou, atordoado. Ardendo.

Fascinado, Vingança pressionou sua boca acomodando-a a dela. Sabia que devia usar sua língua de algum modo, mas não estava seguro de entender a mecânica.

– Me saboreie, – Respirou ela contra seus lábios. – Me saboreie como lambendo um suco de seus lábios.

Ah, pensou ele, compreendendo. Hipnotizado pela suavidade de seus lábios, tocou-a com a ponta de sua língua, movendo-a sobre as comissuras, e quando os lábios dela se separaram, provou-a como se tentassee tirar um pouco de creme do centro de um bolo.

Ela era imensamente mais doce.

E logo seu corpo pareceu assumir e entender algo que ele não entendia, e com um gemido rouco, inundou sua língua em sua boca e a esmagou contra ele, fechando firmemente seus braços atrás das costas dela. Mas não era suficiente, decidiu rapidamente, necessitava sua cabeça, então deslizou suas mãos profundamente em seu cabelo e segurou seu rosto firmemente, beijando-a até que ambos ficaram sem fôlego.

Era incrível, maravilhou-se, parou para olhá-la. Tocou seus próprios lábios com um dedo, estavam quentes.

E ficou mais bonita quando a beijei! pensou, apavorado. Seus lábios estavam inchados e pareciam esponjosos, seus olhos brilhavam como jóias, e sua pele ruborizava. Havia feito isto, pensou, com orgulho. Poderia pôr uma moça mais bonita simplesmente pressionando seus lábios aos dela. Este era um presente que seu Rei nunca disse que possuía. Se perguntou quanto mais bonita ficaria se a tocasse com seus lábios em outros lugares.

– É encantadora, moça, – disse com uma voz completamente diferente de seu tom normal, pelo contrário, este saiu áspero e espesso. – Não, não fale, não terminei.

– Pressionou seus lábios aos dela outra vez, tragando suas palavras. Com suaves toques de mariposa, seus polegares acariciaram em suaves círculos a delicada pele do pescoço, ao longo da linha do queixo e sobre o rosto. Depois recuou e percorreu o rosto ligeiramente com seus dedos, como se fosse cego, absorvendo a sensação de cada plano e ângulo da testa suave ao nariz coquete e os altos ossos de suas bochechas, da forma de pico de viúva de seu cabelo ao ponto de seu queixo. Seus lábios suaves, viçosos.

Quando descansou um dedo ali muito tempo, ela o chupou suavemente a ponta, e o calor aguilhoou diretamente em sua virilha. A visão de seus lábios fechados completa e docemente ao redor de seu dedo quase o fez enlouquecer… O fazendo recordar algo mais, por muito tempo esquecido, algo que uma moça poderia fazer, que era mais doce que o céu. O fôlego obstruiu sua garganta.

Ela o olhava, com seus olhos, cor âmbar, confiando, brilhando intensamente, seus lábios ao redor de seu dedo. O fazia sentir uma espécie de dor no peito.

Tomou seu rosto entre as mãos, e a beijou como se pudesse aspirar o calor dela direto a seu corpo, e de certa forma, parecia que o fazia. – Quero te tocar até que sua pele cheire para mim – Grunhiu, não sabendo por que. – Cada centimetro de você.

Mas Jane entendia. Isto era uma maneira puramente masculina de marcar seu território, amando a sua mulher até que ela levasse seu cheiro único da cabeça aos pés. Choramingou assentindo em sua boca, suas mãos empunhadas atrás de suas costas porque estava matando-a não poder tocá-lo.

Então a levantou do tamborete, esmagando-a completamente contra ele, sustentando seu peso como se ela fosse leve como uma pluma, e sua dura, quente excitação pressionava a união das coxas dela.

Estou morrendo, pensou Vingança fracamente. O contato do corpo dela contra aquela parte torcida que parecia não ter repouso nunca, qualquer que tivesse sido a erupção que havia pego do cobertor, o fazia arder e palpitar com fúria. Devia estar morrendo, porque nenhum homem poderia suportar tal dor por tanto tempo.

Talvez, pensou, uma vez que a despisse como ela havia escrito em seus pergaminhos, também tiraria seu tartán elae diria que o que era que andava errado com ele.

Mas não, pressionaria seus lábios com os seus umas poucas vezes mais, já que ela podia ver a coisa entre suas pernas e se desgostaria e fugiria dele. Mas agora, ele estava quente… Tão quente. Deslizou as mãos por seu cabelo e baixou sobre seus seios. Estremeceu, uma vez, duas vezes, e três vezes, antes de perder completamente o controle sobre si mesmo.

Não tinha idéia do que fazia, perdido em um tipo de loucura, até que esteve em pé olhando-a nua, parada sobre o pequeno tamborete, os farrapos de seu vestido dispersos pelo piso. Não tinha a memória clara de ter rasgado seu vestido, tão urgente e feroz havia sido sua necessidade de despi-la e tê-la completamente sob seu toque.

– Te machuquei? – Perguntou ele.

Jane sacudiu sua cabeça, seus olhos aumentados. – Me toque –Animou suavemente – Encontra meu calor mais particular. Pode buscá-lo em qualquer parte onde você deseje – Animou-o, com olhos brilhantes.

Rodeou-a lentamente. Ela não movia nem um músculo, simplesmente estava em pé nua sobre o tamborete enquanto ele se maravilhava com cada centimetro dela. E quando se voltou para confrontá-la, segurou ar. Ela o tinha feito outra vez, tornou-se mais formosa. Seus olhos estavam cheios de algum preguiçoso e sonhador conhecimento do que só podia fazer conjeturas. Brilhante e sonolenta e desejosa, sua pele refulgia da cabeça aos pés.

Estendeu ambas as mãos e reuniu o peso firme, roliço de seus seios nas palmas. Sentiam-se suaves, tão suaves. Seus olhos se encontraram e ela emitiu um suave gemido que o fez tremer.

–Beija…

– Sim – Concedeu imediatamente, sabendo o que ela queria, e baixou sua cabeça aos travesseiros suaves de seus seios. Incapaz de compreender por que o desejava tão fortemente, fechou seus lábios primeiro sobre um mamilo, e depois no seguinte. Desconhecendo por que o fazia, sua mão escorregou entre suas coxas suaves, procurando o calor e a umidade…

E as imagens o assaltaram – ele era alguém mais– Um homem que sabia muito de coxas suaves e amor quente. Um homem que havia perdido tudo, a todos: – *Aedan, por favor não vá! – a menina soluçava. – Ao menos espera que Ma e Dá voltem para casa!*

– Devo ir agora, pequena. – O homem a apertou em seus braços, secando desamparadamente suas lágrimas. – Isto é só por cinco anos. Seguirá sendo só uma moça quando voltar. – O homem fechou seus olhos. – Deixei uma nota para Ma e Dá…

– Não! Aedan. Não me deixe – Disse a menina, chorando como se seu coração se rompesse. – Amo você!

– Ahhh! – Vingança rugiu, empurrando-a longe, agarrando sua cabeça com ambas as mãos. Bramou silenciosamente, recuando até que suas costas bateu na parede.

– Aedan! O que é? – Gritou Jane, saltando do tamborete e correndo para ele.

– Não me chame assim! – Gritou, sua palmas apertando suas têmporas.

– Mas Aedan.

– Contenha seus desejos, mulher!

– Mas eu pensei que estava recordando – Disse ela desesperadamente, tentando tocá-lo, acalmá-lo.

Outro bramido mudo foi sua única resposta e saiu correndo do salão como se todos os sabujos de inferno estivessem mordendo seus calcanhares.

Capítulo 11

Sobretudo, não seria sábio procurar a companhia de seres humanos femininos ou permitir que o toquem.

Não seria sábio.

Como tinha passado por cima dessa não tão especifica expressão?

Não seria sábio. Vingança não se sentia particularmente sábio neste momento. Nem pensou comer comida suave, nem pensou enganar intencionalmente porque "podia ser melhor".

Como havia começado a suspeitar, seu rei na verdade, não emitiu absolutamente nenhuma só ordem.

Como e quando o conheci? Vingança se perguntou pela primeira vez. Tinha nascido ele no Faery, sendo prometido ao rei desde seu nascimento? Ou o havia encontrado anos mais tarde? Por que não poderia recordar?

Vingança se sentou em silencio ao lado do oceano sobrepondo-se pouco a pouco, enquanto batia a folha de uma adaga contra sua palma.

As fadas não sangravam. Eles se curavam rapidamente.

Vingança fechou a mão ao redor da folha.

O sangue gotejou de sua mão fechada e gotejou pelos lados. Estendeu seus dedos e estudou os profundos cortes.

Eles permaneciam profundos, destilando sangue vermelho escuro.

Uma respiração aguda e aliviada escapou.

Quantos anos tinha? Quanto tempo havia vivido? Por que não podia recordar nenhuma mudança em sua vida? Por que os humanos tinham rugas em seus rostos, e Vingança permanecia inalterado?

Nada muda em Faery.

E se alguma vez retornasse, também seria grisalho algum dia seu comprido cabelo negro? Extranhamente, o pensamento o atraiu. As idéias de um menino cresceram espontaneamente em sua mente. Se imaginou abraçando uma das pequenas meninas do povoado, enquanto limpava suas lágrimas. A ensinando a subir nas árvores, fazer botes de madeira e navegá-los no fluxo, e trazendo uma ninhada de gatinhos miadores cuja mãe tivesse morrido ao nascerem.

– Quem sou eu? – Chorou Vingança, segurando a cabeça.

Ocorreu pensar que a pergunta correta era – Quem havia sido ele uma vez?

Jane o olhou das soleiras do castelo. Sentado lhe dando as costas no triste crepúsculo, segurando a cabeça, olhando fixamente mar a fora. Tinha as mãos enlameadas de sangue que gotejava descendo pelo braço. De repente ficou em pé, e ela viu um brilho de prata quando lançou a adaga com força para as ondas.

Uma brisa salgada fustigou seu cabelo, enredando os fios escuros em uma meada sedosa. Seu tartán bateu as asas na brisa, abraçando as linhas poderosas de seu corpo.

Parecia escuro e desolado, forte e absolutamente intocável.

Os olhos de Jane choraram. –Eu te amo, Aedan MacKinnon– Disse para o vento.

Como se o vento tivesse levado suas palavras impacientemente grama abaixo, à borda do mar, Aedan se voltou de repente e a olhou diretamente. Suas bochechas brilharam úmidas na pálida luz.

Assentiu com a cabeça uma vez, então se voltou de costas para ela e caminhou para a borda, com a cabeça inclinada.

Jane começou a ir atrás dele, então parou. Havia desolação e solidão em seu olhar, e ainda muita irritação. Tinha-a regeitado, declarando seu desejo de estar sozinho. Ela não

queria empurrá-lo muito duro. Não poderia começar nem sequer a entender o que ele estava sofrendo. Alegrava-a que estivesse recordando mas também se angustiava pela dor que isso causava. Olhou-o, partida pela indecisão, até que desapareceu ao redor de uma curva na linha rochosa da costa.

Capítulo 12

Não retornou durante três dias. Aqueles foram os três dias mais agônicos da vida de Jane Sillee.

Todos os dias, amaldiçoava-se por tê-lo empurrado muito longe, muito rapidamente.

Todos os dias, brigava consigo por não tê-lo seguido quando tinha começado a caminhar por essa borda rochosa.

Todos os dias, mentiu aos aldeãos quando deviam trabalhar, assegurando que ele havia ido ver um homem para negociar um cavalo e voltaria logo.

E de noite, quando se aconchegava com Sexpot na cama, que era muito grande para uma moça sozinha, orou para que suas palavras fossem verdadeiras.

Capítulo 13

Era meia noite quando Aedan retornou.

Despertou a repentinamente, tirando as colchas de seu corpo nu, enviando Sexpot voando da cama com um miado zangado.

–Aedan! –Protestou Jane, olhando-o fixamente. Sua expressão era tão feroz que seu cérebro dormido, envolto ainda na névoa do sono clareou imediatamente.

Estava em pé ao lado da cama, seu olhar escuro sobre cada centímetro de seu corpo descoberto. Tinha trançado seu cabelo. Seu rosto se via escura com uma incipiente barba negra, sombreando sua mandíbula. Nas últimas semanas, tinha perdido peso, e embora ainda era poderosamente musculoso, estava um pouco magro, seu olhar perigosamente faminto, como um lobo faminto e com falta de alimento na natureza.

Não disse nenhuma palavra, só tirou sua camisa e chutou as botas fora de seus pés, então se aproximou.

Nunca teria acreditado isso dele, mas irradiava tal fúria mal contida que ela escapou para atrás contra a cabeceira e cruzou seus braços protetoramente em cima de seus seios.

–Och!, não, moça –ele disse com uma ameaça sedosa. – Não depois de todas as vezes que tentou conseguir que te toque. Não pode me regeitar agora.

Os olhos de Jane se aumentaram enormemente. –Eu…Eu

–Me toque – Desenredou a manta escocesa e a deixou cair no chão.

Jane ficou boquiaberta. –Eu… Eu – tentou de novo, e falhou, outra vez.

– Algo está errado em mim? –exigiu ele.

–N… Não– Conseguiu responder. –Uh… Uh. De maneira nenhuma – Engoliu com dificuldade.

– E isto? – Segurou sua formidável ereção na mão. – Isto é como deve ser?

– Oh!–, Jane sussurrou reverentemente. – Completamente.

Ele a olhou com desconfiança. – Não o está dizendo somente por dizer, não é?

Jane agitou sua cabeça, seus olhos aumentados.

–Então me dê esses seus beijos, moça, e faça-o rápido. – Fez uma pausa por um momento, então adicionou em voz baixa, tensa –Tenho frio, moça, tenho tanto frio.

A respiração de Jane se obstruiu em sua garganta e seus olhos se nublaram. Sua vulnerabilidade derreteu seus medos. Ajoelhou-se na cama e estendeu suas mãos para ele.

Sem deixar de olhar-se, olhava-a nos olhos como se o convite neles fosse tudo que o sustentava, devagar pôs as mãos nas suas e permitiu puxá-lo para a cama onde se ajoelhou, frente a ela.

Olhou abaixo a suas mãos entrelaçadas e examinou o que via. Suas mãos pequenas e brancas, quase desapareciam entre os dedos bronzeados, ásperos pelo trabalho. Ela dobrou os dedos contra os seus, saboreando a primeira sensação real de segurar a mão de Aedan. Até esse momento, só o havia tocado em seus sonhos. Fechou os olhos, saboreando tudo dele, bebendo a experiência pura.

Abriu-os para encontrá-lo olhando-a com esperança e fascinação.

–Às vezes penso que te conheço, moça.

–Sim, conhece-me – Disse, com a voz apanhada. –Eu sou Jane. – Sua Jane, desejou gritar.

Hesitou por um longo momento. – Então, eu sou Aedan. Aedan MacKinnon.

Jane o olhou com assombro. – Se lembrou? –Exclamou. – Oh, Aedan!

Cortou suas palavras pondo tranqüilamente um dedo contra seus lábios. – Importa? Os aldeões pensam que o sou. Você pensa que o sou. Por que não devo sê-lo?

O coração de Jane se afundou de novo. Ele ainda não recordava.

Mas… Estava aqui, e estava desejoso de que o tocasse. Ela tomaria o que pudesse conseguir.

–Jane–, disse urgentemente, eu… Sou de verdade como um homem deve ser?

–Tudo o que um homem deve ser–, Assegurou ela.

–Então me ensine o que um homem faz com uma mulher como você.

Uau! seu coração ronronou. O olhar em seus olhos era tão inocente e prometedor, ocultando quase o desespero sempre presente em seu olhar.

–Primeiro –Disse suavemente, enquanto levava sua mão aos lábios, – ele a beija, assim. – Plantou um doce beijo em sua palma e fechou seus dedos em cima dele. Fez o mesmo com ambas as mãos, demorando em cima da pele sensível de sua palma.

–Então – Respirou, –Permite tocá-lo por toda parte. Assim. – Escorregou as mãos por seus musculosos braços e em seu cabelo. Tirando a correia de couro, ela penteou seus dedos através das tranças até que caiu escuro e sedoso ao redor de sua face. Pôs suas palmas contra seu rosto, olhando-o profundamente nos olhos. Ainda estava sob seu toque, seus olhos estavam desfocados.

–Mais– Insistiu-a, um gato perdido, privado de carícias.

–E ela o toca aqui– Disse, enquanto passava roçando seus ombros, de caminho aos músculos das costas, abaixo para seus magros quadris, e de retorno a seus magníficos braços e seu musculoso peito. Incapaz de resistir, deixou cair sua cabeça adiante contra seu peito e o lambeu, saboreando o sal de sua pele.

Um gemido áspero lhe escapou, e o calor de sua excitação pulsou insistentemente contra sua coxa.

Jane choramingou ao contato e se apertou contra ele. Gostava de seu pescoço, sua mandíbula, seus lábios e enterrou suas mãos em seu cabelo. – Então, ele acaricia seus lábios.

–Eu sei esta parte–, Disse ele, contente de saber.

Encaixando sua boca na dela, beijou-a profundamente faminto, um beijo da alma e a arrastou contra seu corpo duro.

O contato de seu corpo nu contra sua pele nua fez sua cabeça rodar. O fez arder. O fez tremer assombrado. Nunca tinha sabido… Que prazer, nunca havia suspeitado o prazer que encontraria ao ser tocado. As pequenas mãos em seu corpo davam mais calor que qualquer fogo e o fazia tremer os joelhos.

Havia dito que estava formado como um homem devia estar, e o tocou como se desejasse seu corpo desesperadamente. Gostou disso. O fez sentir… o Och!! só sentir e sentir e sentir.

Mordiscou e amamentou seus lábios, então mergulhou sua língua profundamente, empurrando. Seu corpo se moveu a um ritmo, inato e ancestral. Ela foi suave em seus braços, deixando cair para trás na cama, e ele a seguiu, estirando seu corpo em cima de sua suavidade exuberante. – Cristo, moça, eu tenho que dizer que nunca senti algo como você! – Embriagado, beijou-a profundamente, sua língua quente sedosa enredada com a sua. Quando ela moveu as pernas debaixo, sua parte torcida se encontrou de repente entre suas coxas e

empurrou instintivamente contra ela. Ela levantou seus quadris, pressionando-o, e ele pensou que morreria com está sensação. Agarrou-lhe as nádegas e a puxou mais firmemente contra ele. Cravar seus dedos na suavidade do traseiro nu o encheu com uma sensação selvagem e feroz, um impulso por possuir, por sustentá-la debaixo dele até que chorasse de prazer. Até estremecer-se em cima dela. As imagens vieram então a ele: De um homem e uma mulher rodando nus em uma cama. Do movimento pistoneante, firme dos quadris de um homem, de tornozelos magros e pernas torneadas levantadas perto dos seios de uma mulher, do aroma almiscarado de pele e corpos, de suor e crueldade e calor de…

–Você não tem nenhum clã. Você não tem nenhuma casa– Disse o Rei escuro.

– Não, eu o tenho! Tenho um clã nas Highlands. Meus Highlands. Minha casa. Duas coisas o sustentaram, o pensamento de seu clã, junto com um ainda mais delicioso pensamento, mas o Rei havia tentado roubar esse outro, mais importante pensamento dele, por isso tinha construído uma torre de gelo a seu redor para guardá-lo seguro.

–Todos em seu clã morreram faz cem anos, você se engana. Esquece-os!

– Não! Minha gente não está morta. – Mas soube que o estavam. Todos, pó devolvido à terra montanhosa.

–Todos os que cuidou estão mortos. O mundo segue sem você. Você é minha Vingança, a besta que desempenha minhas ordens.

E então as idéias mais escuras, como a dor, a dor interminável começou… E continuou sem parar até que nada havia saído exceto uma só lágrima gelada e só gelo onde uma vez havia pulsado um coração que sustentou o sangue bendito dos reis escoceses.

Ele a empurrou longe, rugindo.

Aturdida, Jane se dobrou sobre a cama. Desconcertada por sua partida repentina, gaguejou, – Mas o que…? – Agitou a cabeça, tentando clarea-la, entender o que estava acontecendo. Um minuto antes tinha estado a ponto de fazer amor desenfrenadamente e apaixonado com ela, no próximo estava a um metro, parecendo horrorizado. – Por que parou?

– Eu não posso fazer isto! – Gritou. – Machuca muito!

–Aedan, justamente...

– Não! Cale-se moça! – Os olhos selvagens, tremendo visivelmente, e se voltou e saiu da quarto.

Mas não antes que visse as lembranças em seu escuro olhar.

Não antes que visse a primeira frágil luz de conhecimento de quem e o que realmente era.

–Oh, você sabe–, Ela sussurrou ao quarto vazio. –Você sabe. – Os calafrios desceram por suas costas.

Ele recordava. Tinha visto em seu olhar. Na dor gravada em sua face, na rigidez de seu corpo. Tinha-a deixado, movendo-se como um homem que brigou dez rounds no quadrado, cujas costelas estão machucadas e cujo corpo está contundido da cabeça aos pés.

Tinha o pressentimento terrorífico de que podia deixá-la, que simplesmente podia retornar a seu Rei para não ter que enfrentar o que teria que enfrentar agora.

– Aedan! –Chorou, saltando da cama, perseguindo-o.

Mas o castelo estava vazio. Aedan havia ido.

Capitulo 14

Jane entrou desanimadamente no castelo, os ombros cansados. Tinha passado uma semana desde que Aedan havia partido, e ficavam só dois dias mais antes… Antes de… Algo que ia passar passaria. Não tinha nenhuma idéia do que passaria exatamente, mas estava bastante segura que a tinha deixado, para sempre.

Nunca mais estaria neste castelo. Nem sequer em seus sonhos.

O que ficava na vida? Só lembranças de sonhos que não podiam comparar-se com nada.

Relutante de ir em sua busca, no caso de que voltasse e não a encontrava, tinha estado chorando de vez em quando durante essa semana. Mal havia podido conversar com os

aldeãos quando deviam trabalhar todos os dias. O castelo estava progredindo, mas, para que? teriam ido o Lord e sua dama, provavelmente em um lapso de quarenta e oito horas, nem um minuto mais. Como sentiria saudades deste lugar! A terra acidentada e selvagem, as pessoas honradas, trabalhadoras que sabiam encontrar alegria nas menores coisas.

Jogando as lágrimas atrás, miou para chamar Sexpot que, extranhamente não tinha vindo, correndo precipitadamente pelo chão de pedra, fazendo estalar a cauda com paquera.

Deu uma olhada ao redor com os olhos obscurecidos pelas lágrimas, imprecisas. Sentiu um estremecimento.

Aedan estava sentado frente a lareira, os pés descansando em um tamborete, e com Sexpot acurrucado no colo.

Como se o que estivesse ali, acariciando a pequena besta inútil não fosse motivo suficiente de assombro, tinha apoiado contra a mesa a pintura que Elías havia desenterrado fazia semanas, em frente a ele e a estava examinando atentamente.

Ela devia ter feito algum pequeno som, porque sem levantar a vista, movendo a mão suavemente em cima da pele listrada do gatinho, disse – Caminhei pelas Highland um pouco. Um dos aldeãos que me levou ao continente era bastante amável.

Jane abriu a boca, então a fechou de novo. Era tão intenso o alívio que a alagou que quase dobrou os joelhos. Ainda tinha dois dias mais para tentá-lo. Obrigado, Deus, sussurrou silenciosamente.

–Mudou muito –Disse ele devagar. –Poucas coisas são familiares para mim. Perdi o rumo uma ou duas vezes.

–Oh, Aedan–Disse ela suavemente.

–Precisava conhecer de novo este lugar. E… Suponho… Que precisava de tempo.

–Não tem que explicar nada–Apressou-se em assegurar. O simples feito que houvesse retornado era suficiente. Quase tinha perdido as esperanças.

–Mas o faço–Disse, olhando o retrato atentamente. Há muito que preciso te explicar. Tem direito a isso. Quer dizer –Adicionou cuidadosamente, – Se ainda deseja compartilhar este aposento comigo.

–Ainda desejo compartilhar estes aposento, Aedan– Disse ela imediatamente. Algumas tensões pareciam deixar seu corpo. Como podia fazê-lo entender que não só desejava compartilhar o aposento, que desejava compartilhar também seu corpo e seu coração? desejava compartilhar tudo com ele. Mas havia algo que tinha que saber, palavras que precisava ouvi-lo dizer. – Já sabe quem é você? – Conteve a respiração, enquanto esperava.

Olhou-a tranqüilamente, um sorriso agridoce brincava fracamente em seus lábios,.. – Och! Sim, moça. Sou Aedan MacKinnon. O filho do Findanus e Mary MacKinnon, de Dun Haakon na Ilha de Skye. Nascido em oitocentos e noventa e oito. Bisneto do Kenneth McAlpin. E sou o último de meu clã. – Voltou seu olhar ao retrato.

Suas palavras, ditas tão suntuosamente, ainda com dor, enviaram um calafrio a suas costas. – Além disso, só precisa me dizer o que deseja– Disse suavemente.

– Então te ordeno que escute bem, porque quem sabe quando terei vontade para falá-lo de novo. – Disse isso, e permaneceu calado pensativamente olhando fixamente ao fogo, como se procurasse as palavras corretas. Finalmente, resolveu e disse, – Quando contava três dezenas… Um homem de má índole… Veio a este castelo. No princípio, eu pensei que vinha para me desafiar, porque tinha me anunciado como o guerreiro mais poderoso em todas as ilhas, descendente do poderosoa McAlpin. Mayhap! estava um pouco contente comigo mesmo. – Fez uma careta depreciativa para ele mesmo.

–Mas este homem… – Sacudiu a cabeça. – Este homem me aterrou. Parecia um homem, mas estava morto por dentro. Era gelo. Frio. Era humano, mas havia deixado de sê-lo. Sei que isso não tem sentido, era como se toda a vida nele tivessem secado de algum modo, mas continuava respirando. Eu temi que fizesse mal a meu clã e zombasse de mim enquanto o fazia. Era grande, alto e largo, e tinha poderes além do mortal.

Quando fez uma pausa, perdido em suas lembranças, Jane sussurrou, – Por favor continua.

Inspirou profundamente. –Ma e Dá estavam longe no mar com todos meus irmãos mais jovens. Eu estava aqui com minha irmã pequena. Gesticulou para o retrato. Rose. Fechou seus olhos e os esfregou. – Embora tinha minha cota de arrogância, moça, sempre havia desejado uma família, filhos próprios, olhar a minhas irmãs e irmãos crescer e criar a seus

filhos. Viver uma vida simples. Ser um homem de honra. Um homem que quando descansasse na terra, outros dissessem, "Ele era um homem bom" Mas nesse dia, soube que tais coisas ocorreriam se ele o permitia, porque chegou com a ameaça de destruir todo meu mundo e eu sabia que podia fazê-lo.

Com os olhos chorosos, Jane se apressou a aproximar-se, afundou-se na banqueta, e pôs uma mão suave, alentadora em sua coxa.

Ele a cobriu com sua própria mão, mas não levantou a vista do retrato.

Depois de um momento, voltou a cabeça e a olhou, ela abriu a boca suavemente diante a angústia em seus olhos. Queria cobrir suas pálpebras de beijos, como se beijando-o pudesse afastar de algum modo toda a dor, para assegurar-se que nunca na vida nada o machucaria de novo.

–Fiz um trato com a criatura: que se deixasse meu clã em paz, eu permitiria que me levasse diante seu rei. Seu rei me ofereceu uma pechincha e aceitei, pensando que pagar cinco anos seria um preço infernal, me perguntando como faria para resistir cinco anos nesse reino gelado, escuro. Mas não eram cinco anos, moça, eram… Quinhentos. Quinhentos anos e eu esqueci. Esqueci! – Fechou a mão e deu um murro no braço da cadeira. Empurrando o gatinho para ela, levantou-se de um salto e começou a passear. Sexpot, alarmada pela súbita comoção, correu precipitadamente para a calma da alcova.

–Fique como ele… O que veio para me buscar. Perdi toda a honra. E me voltei o mais vil dos vis, O…

– Aedan, Pare! –Chorou Jane.

– Transformei-me nessa coisa que desprezei, moça!

–Foi torturado –, Defendeu – Quem poderia sobreviver cinco séculos de…? –foi silenciando, não sabendo o que ele havia resistido.

Aedan soprou raivosamente. –Permiti que se fossem. Para escapar das coisas que o rei me fazia. Permiti que as lembranças de meu clã, de minha Rose, partissem. Quanto mais esquecia, menos me castigava. Deus, há coisas no reino do rei escuro, coisas que…! – grunhiu, sacudindo a cabeça.

–Tinha que esquecer –Disse Jane intensamente. – É um milagre que sobrevivesse. E embora possa acreditar que se transformou em uma criatura igual à Vingança que veio te buscar, não o fez, eu vi a bondade em você quando cheguei aqui. Vi a ternura, a parte de você que desejava ser de novo um homem simples.

–Mas você ignora as coisas que tenho feito– Refutou, sua voz áspera, profunda e rancorosa.

–Eu não preciso saber. A menos que você queira me dizer, eu nunca precisarei saber. Tudo o que eu desejo saber é que nunca retornasse com ele. Porque você não retornará com ele, não é? – Apurou Jane.

Não respondeu, só se manteve ali em pé, parecia perdido e cheio de aborrecimento contra ele mesmo. Inclinou a cabeça e seu cabelo cobriu o rosto como uma cortina.

– Fica comigo! Eu te quero, Aedan! –, Exclamou ela, com o coração dolorido.

– Como pode? Como pode qualquer um? –Perguntou amargamente.

Ah, pensou, compreendendo. Ele desejava ser parte do mundo mortal, por esse motivo retornou a Dun Haakon, em vez de retornar diante seu Rei mas se sentia indigno. Tinha medo que ninguém o quisesse, que o repudiasse uma vez que soubesse o que ele havia sido.

Ele deu uma olhada, mas rapidamente olhou ao longe, mas não antes de que ela visse a esperança batalhando com o desespero em seu olhar.

Levantando da banqueta, Jane lhe ofereceu a mão. –Toma minha mão, Aedan. Isso é tudo o que precisa fazer.

–Não tem idéia do que estas mãos têm feito.

–Toma minha mão, Aedan.

–Parte, moça. Uma mulher como você não é para um ser como eu.

– Toma minha mão! –Repetiu. – Pode tomá-la agora. Ou dentro de dez anos. Ou vinte. Porque eu ficarei aqui parada, esperando que você tome minha mão. Não vou partir. Nunca te abandonarei.

Seu olhar angustiado procurou o seu. – Por que?

–Porque te amo! –Disse Jane, com os olhos cheios de lágrimas. –Eu te amo, Aedan MacKinnon! Quero-te para sempre.

– Quem é? Por que se preocupa comigo? – Sua voz subiu e crepitou roncamente.

– Ainda não se lembra? –Perguntou Jane melancolicamente.

Aedan pensou arduamente, empurrando na parte mais profunda de seu cérebro, essa parte que ainda estava gelada. Ainda ficava uma dura torre de gelo brilhante atrás do seu peito, ocultando algo. Desamparadamente, negou com a cabeça.

Jane engoliu em seco. Verdadeiramente não se importava, disse a si mesma. Ele não tinha por que recordar o tempo que tinham passado juntos em seus sonhos. Podia viver com isso, se em troca podia passar o resto de sua vida aqui, nesta ilha com ele. –Está bem –, Disse finalmente com um valente sorriso. –Não tem que se lembrar, desde que você… – Se interrompeu abruptamente, sentindo-se repentinamente muito vulnerável para as palavras.

– Desde que eu o que, moça?

Em voz muito baixa, disse finalmente, – Acha que pode me querer, como um homem quer a sua mulher?

Aedan aspirou ar rudemente. Se somente ela soubesse. Durante a semana que havia estado vagando, tinha pensado nisto atentamente. Sabendo que devia fazer o favor de não voltar nunca, mas foi incapaz de se afastar. Sonhava com ela, despertava procurando-a em seus braços para alcançar um nada. Até que, incapaz de tira-la de seu coração, tinha enfrentado suas lembranças. Até que desprezando-se por ser lento, havia voltado para o Dun Haakon para obrigá-la a partir. Para ver a aversão em seu olhar. Para que o regeitasse e poder morrer por dentro.

Mas agora ela estava ali em pé, com a mão estendida, pedindo que ficasse. Entregando livremente seu corpo e seu coração.

Oferecendo um presente que não havia merecido mas que tinha jurado ganhar.

– Você quer isso de mim? Eu que apenas era humano quando me encontrou? Pode ter qualquer homem que deseje, moça. Qualquer dos aldeões. Até ao rei da Escócia se quiser.

–Eu quero você ou nunca quererei a ninguém.

– Confiaria em mim para que…? Para ser seu… Homem?

–Já confio em você.

Aedan a olhou sinceramente. Começou a falar várias vezes, então fechou a boca de novo.

–Se me regeitar me lançarei no mar –Anunciou dramaticamente. –E morrerei – Não era verdade, porque Jane Sillee não era uma desertora, mas ele não precisa saber isso.

– Não, não se lançará ao mar! – Rugiu e com os olhos jogando faíscas, aproximou-se dela.

–Estou tão só sem você, Aedan –, Foi o que Jane disse simplesmente.

– Você me quer de verdade?

–Mais que tudo. Sou só uma mulher pela metade sem você.

–Então você é minha mulher. – Suas palavras levavam um caráter definitivo, uma atadura que ele não permitiria que fosse quebrada. Ela tinha se entregado a sua custódia e nunca permitiria ir.

– E você alguma vez me deixará? – perguntoo ela.

–Ficarei com você para sempre, moça.

Os olhos de Jane se encheram de luz, e o olhava extranhamente. – E depois deste dia? Perguntou ofegantemente.

– Oh, sim!

– E teremos bebês?

– Meia dúzia se você quiser.

– Podemos começar a fazê-los agora?

– Oh, sim! – Um sorriso apareceu em seus lábios; o primeiro sorriso completo que ela havia visto alguma vez em seu formoso rosto. O efeito foi devastador: Era um sorriso perigoso e perspicaz que gotejava uma promessa sensual. – Devo te advertir –, Disse com os olhos emitindo brilhos, já recordei o que é ser um homem, moça. Tudo. E era na vida passada um homem de grades apetites, ávidos e exigentes.

–Oh, por favor–Respirou Jane. –Seja tão ávido como queira. Exige muito.

–Começarei aos poucos –Disse, seus olhos continuavam reluzentes. –Começaremos com o esfregar dos lábios que tanto você gosta –Chateou-a.

Jane se lançou para ele, e quando seus braços se fecharam a seu redor, foi selvagem, tocando e beijando e se agarrando a ele.

–Mulher, necessito-te – Grunhiu, procurando sua boca com a sua. – Desde que recordei as coisas que um homem sabe, tudo em que podia pensar era nas coisas que ansiava te fazer.

–Me mostre–Choramingou ela.

E o fez, levando seu tempo docemente, tirou seu vestido e a deixou completamente nua diante ele, beijou-a, amamentando e gostando de cada pedacinho dela.

E não experimentou absolutamente nenhuma dificuldade para encontrar seu calor mais particular.

Capítulo 15

O rei de Unseelie se deu conta do momento preciso em que perdeu sua Vingança. Embora o Highlander mortal não houvesse recuperado ainda toda a memória, amava e era amado.

O rosto do rei mudou de uma maneira incomum; os cantos de seus lábios se voltaram para cima.

Os humanos, pensou com zomabaria, tão facilmente manipulaveis. Como se enfureceriam se soubessem que suas intenções nunca tinham estado sobre eles para começar, e, de fato, raramente o estavam. Sua Vingança havia funcionado com precisão como ele tinha esperado, torcendo suas três nebulosas sugestões, e com seu obstinado desafio humano ajudou o Rei em seu objetivo.

Há muito tempo, uma jovem rainha de Seelie, por quem havia sofrido uma fome insaciável, tinha escapado antes que tivesse terminado com ela.

Ela não se arriscou a entrar em seu reino de novo.

Seu sorriso cresceu. Se não se inclinava para procurar, não encontraria nada debaixo dele.

Engoliu uma risada, jogou a cabeça para atrás, e se permitiu soltar um rugido enfurecido que ressonou com o passar da malha do universo.

A rainha de Seelie ouviu o lamento do Rei escuro e se permitiu um pequeno sorriso, muito privado.

Assim, refletiu, sentia-se bastante encantador, ele tinha perdido e ela havia ganhado. Isso a fez se sentir absolutamente magnânima. Bebendo a sorvos o néctar de uma esplendidamente gorda dalisonia, ela rodou sobre seu traseiro e se estirou lánguidamente.

Talvez devesse oferecer suas condolências ao Rei escuro, meditou. Depois de tudo, eles eram a realeza, e a realeza fazia esse tipo de coisa.

Depois de tudo, ela havia ganho.

Simplesmente podia recostar-se e brincar um pouco.

E se ele tentasse detê-la? Guardá-la cativa em seu reino? Riu suavemente. Ela tinha batido destá vez. Tinha demonstrado que era mais forte que há milênios quando ele a havia enjaulado durante um tempo.

Sentindo-se potente, embriagada na vitória, fechou seus olhos e visualizou seu gelado refugio…

A frieza de seu reino lhe roubou a respiração. Então o viu e inalou bruscamente, tragando grande quantidade de ar gelado. Sua memória não tinha feito justiça. Era até mais exótico do que recordava. Uma escuridão evidente o rodeava. Ele era mortal e poderoso, e sabia por experiência própria, que criatividade e exaustivamente erótico era. Verdadeiro amo de dor, compreendia o prazer como nenhum outro.

–Minha rainha–, Disse, seus olhos escuros como a noite reluzindo como gelo.

Com todo o poderoso como era a rainha de Seelie, encontrou impossível olhar fixamente nesses olhos por mais de um momento. Alguns afirmavam, que por havê-lo feito, tinham tido vazamentos de todas suas idéias e o mais puro caos se deu procuração de seus neurônios.

Inclinou sua cabeça, evitando ligeiramente seu olhar. – Parece que perdeu sua Vingança, Escuro – Murmurou ela.

–Parece que a tenho.

Quando ficou em pé em seu trono de gelo, ela conteve a respiração. Não era completamente fada, seu sangue estava misturado com o sangue de uma criatura que inclusive o Fae duvidava nomear. Sua sombra se moveu antinaturalmente quando se levantou, deslizando-se ao redor dele, habituada a mover-se independentemente de seu anfitrião.

–Parece imperturbável diante sua derrota, Escuro –Sondou ela, determinada a saborear cada gota de sua vitória. – Não se preocupa pelo que perdeu? Cinco séculos de trabalho esbanjado.

–Você presume de conhecer meu objetivo.

A rainha de Seelie endureceu, olhando fixamente em seus olhos por um momento mais longo do que era prudente. – Não pretendo pensar que perdi. Que fui manipulada. – Sua voz gotejou gelo digno deste reino.

–Perder é uma coisa relativa.

–Eu ganhei. Admite– estalou.

–Inclusive duvido que alguma vez tenha tido o sabor do que estávamos jogando jovem. – zombou com sua voz profunda, sedosa e hipnotizante, –, Veio gozar em minha derrota te fez sentir poderosa? Te fez sentir segura para me buscar? Cuidado. Um ser como eu poderia inclinar-se a encontrar uma razão digna para te afundar em minhas profundidades.

–Rebaixei a nada–Sussurrou, sentindo-se repentinamente tola. Era jovem segundo suas normas, para a antigüidade do Rei da escuridão. Ele era produto de uma era da que só havia ouvido falar nas lendas.

Não disse nada, unicamente a observou, seu olhar era um peso evidente. Reprimiu um calafrio, recordando a última excursão a esta terra. Esteve a ponto de não convocar o poder para sair. Concedeu com uma emoção de antecipação sexual tão intensa que quase dobra os joelhos, realmente não havia pressa por deixar a perigosa cama do rei escuro. E nisso havia duplo perigo…

–Vim somente a oferecer minhas condolências–Disse imperturbável.

Sua risada só podia seduzir. –Então as ofereça, minha rainha. – Mudando de lugar em um redemoinho de escuridão. –Mas oferece o que nos dois sabemos que tem fome. Sua rendição disposta.

E quando esteve sobre ela, quando tomou em seus braços e suas grandes asas começaram a bater, ela deixou cair sua cabeça contra o peito gelado. Uma escuridão tão espessa que havia textura e sabor a rodeava. – Nunca.

–Escuta bem e preste atenção, a única coisa da que nunca estará a salvo é de mim.

Muito depois, quando ele a possuiu completamente, a lua cheia manchou o céu de vermelho sangue sobre as Highlands da Escócia.

Aedan fez amor com Jane como um homem que entende que só este dia, este momento, era o que estava agora, seguro, na palma de sua mão, tomando-a com a urgência apaixonada de um escocês do décimo século que não sabia o que o manhã podia trazer: guerra brutal, secas, ou tempestades que destruíam a colheita. Fez amor como um homem a ponto de morrer afogado, desesperado pela segurança de seu corpo, ela era sua borda, sua balsa, seu porto contra quem podia vir qualquer tormenta.

E então fez amor de novo.

Desta vez, com deliciosa amabilidade. Roçando seus lábios contra o terreno baixo caloroso de seu pescoço onde se sentia o pulso de seu coração. Beijando as costas de seus seios, saboreando o sal de sua pele e a doçura de sua paixão que brilhava entre suas coxas, e se introduziu profundo dentro de seu mais intimo calor.

Tornou-se parte dela. Finalmente, conheceu o tipo de amor que fazia que dois fossem um e entendeu que Jane era seu mundo. Seu oceano, seu país, seu sol, sua chuva, seu mesmo coração.

E essa elegante cidadela gelada atrás de seu peito onde havia oculto isso que era o mais imensamente prezado do Rei escuro se rachou nos alicerces e veio abaixo.

E recordou o que tinha selado ali definitivamente… A sua Jane.

–Jane, minha doce Jane–, Chorou roucamente.

Os olhos de Jane se abriram de par em par. Enterrou-se profundamente dentro dela, amando-a devagar e intensamente, e embora houvesse pronunciado seu nome em voz alta muitas vezes enquanto a amava, desta vez sua voz se ouviu diferente.

Seria possivel que houvesse recordado tudo por fim? Todos esses anos que eles tinham passado juntos nos sonhos, brincando e amando e dançando e amando?

– Aedan? – Seu nome continha a pergunta que ela teve medo de formular.

Emoldurando sua cabeça com seus antebraços, olhou-a amorosamente. –Você veio para mim. Agora o recordo. Veio quando dormia, no sonho.

–Sim–, Jane chorou, lágrimas felizes que empanavam seus olhos.

Não houve nenhuma palavra durante um tempo, só os sons suaves da paixão, de uma mulher sendo completamente amada por seu homem.

Quando finalmente pôde respirar de novo, disse, –Sempre estava comigo. Viu-me crescer, recorda? – Riu timidamente. –Quando tinha treze anos, quase não queria te ver porque era muito torpe.

–Não, nunca foi semelhante coisa era uma moça encantadoramente pequena, eu olhava maturar sua feminilidade e vi no que s transformaria. Aturdia-me pensando em quando seria o suficiente velha para te amar em todos os sentidos.

–Bem, não teve que esperar um tempo larguísimo–Ela expressou uma queixa longamente guardada. –Mmm–Adicionou, abrindo a boca, quando ele beliscou o mamilo ligeiramente com seus dentes. –Faz isso de novo.

O fez. E de novo, até que seus seios se sentiram a ponto e exquisitamente sensíveis. Então ele esfregou sua bochecha sem barbear ligeiramente contra seus mamilos bicudos, criando uma fricção deliciosa.

–Eu o exigi quando tinha dezoito anos, falou finalmente.

– Como disse, larguísimo. Eu estava pronta desde antes. Eu estava pronta pelos dezesseis… o ooh!

–Ainda erai um bebê pequeno, disse indignadamente, entrando dentro dela.

–Não pare –Aspirou.

–Querida pensa durante um minuto, era difícil para mim não te dizer nada. Já que minha mãe insistiu que todos seus filhos abandonacem a impaciência e dessem tempo às moças para ser meninas antes de ter filhos próprios.

–Por favor – Choramingou ela.

Considerando sua súplica, ele empurrou sem parar, e ela gritou seu nome uma e outra vez, cravando os dedos em seus quadris musculosos, atraindo-o tão profundo como ela pudesse tomá-lo.

Beijou-a, bebendo seus lamentos com seus lábios até que seus tremores minguaram.

– Teve bastante tempo, pequena Jane? – Perguntou depois, quando se movia sonolenta e saciada em seus braços. – Podemos ter feito um neste mesmo dia, já sabe.

Jane sorriu radiante. Seus olhos brilhando fracamente eram de novo uma morna onda tropical em seu escuro rosto, seus lábios curvados com sensualidade e ternura. Tinha-a recordado finalmente! E poderia ter um bebê crescendo dentro dela. – Eu quero meia dúzia pelo menos, assegurou, sorridente.

Então ficou séria, e tocou a mandíbula ligeiramente. – Quando eu tinha vinte e dois anos, os sonhos pareciam diferentes. Eram repetições de sonhos anteriores.

Sua mandíbula se esticou sob sua mão.

–Eu te perdi–Disse ela. – o fiz?

–O rei descobriu que estava ganhando força em meus sonhos. E me impediu de me reunir ali com você –Disse Aedan laconicamente.

Ela inalou ar abundantemente. – Como? –perguntou, não muito segura de se queria saber.

–Você não deseja saber, e eu não desejo falar disso. E assunto encerrado – Disse, com os olhos obscurecidos.

Jane não o chateou, e o permitiu ir, por agora, sabendo que o tempo viria quando precisaria falar disso, e ela estaria ali para escutar. Por agora, esperaria enquanto Aedan se transformaria totalmente de novo no Aedan.

Sorriu de repente, deslumbrando-a. – Você foi minha luz, pequena Jane. Minha risada, minha esperança, meu amor, e agora será minha esposa.

– Não –Disse ela atrevidamente, – Se pensar que está muito bem com essa pobre proposta, tem que inventar outra.

Ele riu. –Sua natureza teimosa foi uma das primeiras coisas que eu gostei em você, moça. Tanto fogo, e tão frio como eu estava, seu temperamento me manteve caloroso. Descarada como minha mãe, exigente como minhas irmãs, terna de coração e fraca de vontade quando chega a paixão.

– A quem está chamando fraca? –Disse ela, com falsa indignação.

Aedan deu um olhar provocador dos pés até a cabeça. – É óbvio que tem uma fraqueza por mim. Passou a última quinzena tentando me seduzir.

– Só porque havia esquecido de mim! De outra maneira estaria me perseguindo por toda parte!

Segura, ela saiu de baixo dele e escapou da cama, e se precipitou ao grande vestíbulo. Efetivamente, seguiu-a, aproximando-se furtivamente como uma grande besta escura e ávida.

E quando ele a alcançou…

"E quando ele a alcançou, fez-lhe amor selvagem e apaixonadamente. A música celestial trombeteou dos céus. A música celestial trombeteou dos céus: (o fez. Juro.) os arco íris se uniram para brilhar sobre o Dun Haakon. O urze floresceu, e inclusive o brilho do sol empalideceu comparado com a luminosidade do verdadeiro amor.

E quando propôscasamento de novo, estava sobre um joelho, com um anel de ouro com rubis incluídos, formandos diminutos corações, e jurou amá-la para toda a vida. Então anoiteceu outro dia".

Fragmento extraído do manuscrito inédito de Jane Sillei MacKinnon, Fogo nas Highlands.

Epílogo

- Não se esqueça do último capítulo, Aedan -Recordou Jane quando escapou de sua cama. – Falhei a semana passada, e Henna disse que vão assaltar o castelo se não os deixo saber o que está acontecendo com Beth e Duncan.

- Não esquecerei, mocinha. – disse enquanto colocava a camisa e o tartán, Aedan recolheu os pergaminhos da mesa lateral e lançou um olhar À página superior.

Ela conteve a respiração, esperando que a beijasse, sabendo que nunca seria a mesma depois de provar a paixão de seu abraço. Seu montanhês havia lutado valentemente a favor de Bruce e tinha vindo para casa com feridas no corpo e no coração. Porém ela o curaria...

- Você sabe, os homens dizem que desde que suas esposas começaram a ler os seus relatos estão muito mais...Digamos, amorosas -, disse Aedan. Na verdade os homens haviam dito, francamente obscenas. Insaciáveis. Tramavam maneiras de seduzir seus homens a toda hora. Suas histórias tinham o mesmo efeito nele. Apenas ao ler uma de suas cenas de amor ficava duro como uma pedra. Se perguntou se suspeitava que antes de entregar suas páginas para as ávidas mulheres, parava na taberna onde os maridos escutavam, entre muitas brincadeiras e gargalhadas, quando lia para eles o episodio mais recente. E embora levavam esportivamente as "partes sentimentais", nenhum deles deixou de ir a cada quarta-feira, quando fazia sua viagem semanal ao povoado. Na semana passada, três deles tinham vindo, procurando por ele quando não havia aparecido com o relato dessa semana.

– De verdade? – Jane estava encantada.

–Sim–, disse ele, sorrindo abertamente. – A agradecem por isso.

Jane sorriu radiante. Quando puxou suas botas, recordou, –Oh, e não se esqueça, quero sorvete de pêssego, não de arándano.

–Não, não me esquecerei – Prometeu – Tem o povoado inteiro fazendo seu prato favorito. Imagino que quando chegar o degelo da primavera e eles não possam fazer seu creme gelado vão ficar loucos.

Jane sorriu. Tinha sido incapaz de resistir a ensinar aos aldeõess algumas coisas que julgava razoavelmente inofensivas. Não era como se estivesse adiantando a tecnologia antes de seu tempo. Empurrando as cortinas, lançou um olhar pela janela atrás da cama. – Nevou de novo ontem à noite Olhe, não te parece formoso, Aedan? – exclamou.

Aedan puxou as cortinas de novo sobre as janelas e jogou as cobertas mais firmemente ao redor dela. –Sim, é encantador. E o frio detestável. Tem suficiente calor? – Preocupou-se. Sem esperar por sua resposta, empilhou várias lenhas mais no fogo e as amontoou cuidadosamente. –Não a quero saindo da cama. Não deve pegar um resfriado.

Jane fez uma careta. – Não estou tão grávida, Aedan. Ainda tenho dois meses mais.

–Não quero me arriscar contigo ou com nossa filha.

–Filho.

–Filha.

A risada de Jane se apagou abruptamente quando ele a pegou em seus braços e a beijou longa e apaixonadamente antes de sair.

Na porta fez uma pausa. –Se for uma moça, perguntou suavemente, acha que podemos chamá-la de Rose?

–Oh, sim, Aedan –, disse Jane suavemente. –Eu gostaria disso.

Depois que saiu, Jane se recostou contra os travesseiros, maravilhada. Sete meses tinham passado desde sua chegada a Dun Haakon, e embora houve alguns momentos difíceis, não o trocaria por nada no mundo.

Aedan ainda tinha muita escuridão dentro dele, de tempos e coisas das que falava muito raramente. Houve meses obscuros enquanto chorava a perda de seu clã. Até que finalmente, uma manhã ela desceu de sua nova alcova e o encontrou pendurando os velhos retratos no grande vestíbulo. O havia observado, enquanto rezava que não tivesse essa expressão severa nos olhos. Quando levantou a cabeça e sorriu, seu coração tinha parado.

– É tempo de honrar o passado–, havia dito. –Temos uma rica história, moça. Quero que nossos filhos conheçam seus avós.

Então tinha feito amor com ela, ali no grande salão. Rodaram no chão, e tinham feito uma pausa para um interlúdio acalorado na mesa, e tinham terminado, recordou ruborizando-se, em uma posição muito interessante em cima de uma cadeira.

Todos seus sonhos tornados realidade. As mulheres do povoado esperavam com a respiração presa pelo último capítulo de sua novela por entregas. Aceitavam entusiasmadas cada palavra, saboreando o romance, e a magia disso derramou em cima de sualareira e de sua casa. E nunca ninguém alguma vez se queixou de prosa púrpura ou enganos de imprensão.

Ela era uma contista com um público ávido, uma futura mãe, tinha sua própria vaca de ordenha, bastante água quente, o aroma de seu homem na pele, e dormia cada noite guardada nos braços do homem que sempre amou.

Sonhadoramente, suspirou, descansando a mão em seu ventre. Sexpot deu um bocejo e uma pequena lambida com sua língua rosa e se aconchegou mais perto dela.

A vida era boa.

Fim

PROJETO REVISORAS TRADUÇÕES
PRT
Projeto Revisoras Traduções
Grupo Romances Traduzidos
http://br.groups.yahoo.com/group/romancestraduzidos/
Comunidade Romances S.A.
http://www.orkut.com.br/Main?pli=1#Community.aspx?cmm=80221161